

Organização:
Rackel Cardoso

Meio SÉCULO
JORNALISMO - UEPB

Perfis



Universidade Estadual da Paraíba

Prof^a. Célia Regina Diniz | *Reitora*

Prof^a. Ivonildes da Silva Fonseca | *Vice-Reitora*



Editora da Universidade Estadual da Paraíba

Cidoval Moraes de Sousa | *Diretor*

Conselho Editorial

Alessandra Ximenes da Silva (UEPB)

Alberto Soares de Melo (UEPB)

Antonio Roberto Faustino da Costa (UEPB)

José Etham de Lucena Barbosa (UEPB)

José Luciano Albino Barbosa (UEPB)

Melânia Nóbrega Pereira de Farias (UEPB)

Patrícia Cristina de Aragão (UEPB)



Editora indexada no SciELO desde 2012



Editora filiada a ABEU

EDITORA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

Rua Baraúnas, 351 - Bairro Universitário - Campina Grande-PB - CEP 58429-500

Fone: (83) 3315-3381 - <http://eduepb.uepb.edu.br> - email: eduepb@uepb.edu.br

Rackel Cardoso
(Organizadora)



Campina Grande - PB | 2023



Editora da Universidade Estadual da Paraíba

Cidoval Morais de Sousa (*Diretor*)

Expediente EDUEPB

Design Gráfico e Editoração

Erick Ferreira Cabral
Jefferson Ricardo Lima A. Nunes
Leonardo Ramos Araujo

Revisão Linguística e Normalização

Antonio de Brito Freire
Elizete Amaral de Medeiros

Assessoria Técnica

Carlos Alberto de Araujo Nacre
Thaise Cabral Arruda
Walter Vasconcelos

Divulgação

Danielle Correia Gomes

Comunicação

Efigênio Moura

Depósito legal na Câmara Brasileira do Livro - CDL

M514 Meio século de jornalismo UEPB [recurso eletrônico] /
Organizadora Rackel Cardoso. – Campina Grande:
EDUEPB, 2023.
108 p.: il.; 15x21cm; 14000 KB.

ISBN: 978-85-7879-874-1

1. Jornalismo. 2. Comunicação Social. 3. UEPB. I.
Cardoso, Rackel. II. Título.

CDD 070.4

Ficha catalográfica elaborada por Geovani Sales de Oliveira – CRB-15/1009

Copyright © EDUEPB

A reprodução não-autorizada desta publicação, por qualquer meio, seja total ou parcial,
constitui violação da Lei nº 9.610/98.

**"Me movo como educador, porque,
primeiro, me movo como gente".**

(Paulo Freire)

SUMÁRIO

Prefácio	8
Rômulo Azevedo	10
Rostand Melo	14
Agda Aquino	18
Jurani Clementino	26
Cidoval Morais	30
Luiz Custódio	34
Luís Adriano	38
Raul Ramalho	42
Fernando Firmino	46
Léo Alves	50
Michele Wadja	54
Rafael Melo	58

Arão Azevedo	62
Roberto Faustino	66
Rackel Cardoso	71
Salete Vidal	75
Antonio Simões	79
Verônica Almeida	83
Orlando Angelo	87
Elane Gomes	91
Massilon Gonzaga	95
Ingrid Fechine	99
Robéria Nádia	103
Posfácio	106
Nota dos autores	107

Prefácio

Se você parar pra pensar em uma das coisas que pode te dar prazer na vida é trabalhar por amor. Se sentir feliz trabalhando, sentir gosto pelo que você criou e terminar o dia sabendo que isso acaba sendo parte de você, parte da sua vida, parte, até mesmo, do seu coração. É assim o sentimento de quem ama o jornalismo, uma função social de quem se doa pelos outros em qualquer que seja o ramo.

Uma das vertentes às quais o jornalismo pode nos conduzir é o ofício de ensinar. O professor é quem semeia cada grão que brota em diversas terras da comunicação. Ele prepara, ensina e, principalmente, inspira várias e várias sementes a brotarem.

Em 2007, quando iniciei minha graduação em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, as histórias que ouvia em sala de aula, misturando teoria e prática, faziam meus olhos brilharem. E esse brilho permanece diariamente, principalmente, quando eu descobri que o jornalismo, além de apaixonante, é dinâmico, todo dia te leva à diferentes lugares e te conecta com diferentes histórias.

A Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), palco de tantas dessas histórias e descobertas, trouxe para minha própria narrativa de vida a conexão com diversos professores, que marcaram minha trajetória. Hoje, divido os corredores da UEPB com alguns dos que muito me ensinaram e outros, que também já foram alunos, dividem comigo a mesma experiência.

Ensinar um ofício nem sempre é fácil, são diferentes estudantes, de diferentes cidades e até de outros estados que dividem conosco as dificuldades e prazeres da capacitação na profissão que escolheram.

A ideia desse livro é justamente dar palco àqueles que formam os que um dia vão subir nos palcos do jornalismo. O objetivo é apresentar a vocês aqueles que ficam de frente à TV, ligam o rádio do carro e compram revistas, aplaudindo com o peito cheio de orgulho os jornalistas que já foram seus alunos. Muitas vezes, ficam escondidinhos na sala de aula diariamente, mas são cruciais para que grandes profissionais hoje estejam ocupando as redações, as agências de comunicação, outras salas de aula e tantos outros cargos mundo afora.

Aqui vocês conhecerão as histórias dos atuais professores do curso de Jornalismo da UEPB, efetivos e substitutos. Alguns que além de ensinar também coordenam, chefiam e orientam os estudantes. Vocês saberão um pouco mais daqueles que se dispuseram a abrir a vida pessoal e a relação apaixonante pelo

jornalismo e pela sala de aula. Tenho certeza de que, ao ler, vocês conhecerão histórias inspiradoras e que mudaram a vida de muitas pessoas que chegaram no Departamento de Comunicação Social (DECOM) como simples ferinhas, mas saíram como grandes jornalistas e ganharam o mundo com o talento que possuem. Todos nós passamos pelas mãos de professores e levamos um pouco de cada um conosco.

Essa coleção de histórias foi coletada e escrita por alunos do curso de Jornalismo da UEPB, que decidiram se juntar para homenagear os 50 anos de um curso tão importante para o Câmpus I da Universidade, para a Paraíba, para o Brasil e para o mundo. Da entrevista à escrita dos perfis, da fotografia à revisão, da diagramação ao lançamento, foi tudo produzido nos mínimos detalhes por estudantes que, como eu disse, levarão consigo um pouco desses professores. Pude ter a honra de acompanhar e orientar cada passo dessa produção e com o coração alegre, agora, aplaudo de pé todos os que juntos formam o projeto Meio Século e abraçaram essa iniciativa com tanto carinho.

Rackel Cardoso

Rômulo Azevedo

ISBN: 978-85-7879-874-1



Foto por: Sara Brito

1

De boné na cabeça e com uma máscara no rosto, protegendo-se da COVID-19. Na mão, um celular, a lista de presença, e o livro de Vera Paternostro – que ele afirma, reiteradamente, para os alunos ser a "bíblia" do telejornalismo. Assim, Rômulo Azevedo termina mais uma aula de Laboratório de Telejornalismo na sala 204, na Central de Aulas da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

Aos 69 anos, já com os cabelos brancos, essa tem sido a rotina do professor. Com mais de 47 anos de sala de aula, sendo cinco de ensino médio, ministrando educação artística, e quarenta e três lecionando no curso de Jornalismo da UEPB, ele é o professor com mais tempo de serviços prestados ao Departamento de Comunicação Social (DECOM) da Universidade.

Durante essas quatro décadas dentro da instituição, o professor de telejornalismo estima que 86 turmas já assistiram suas aulas. Ele foi chefe e vice-chefe do DECOM, diretor do Centro de Ciências Sociais Aplicadas (CCSA) por dois mandatos e coordenador do curso por três vezes.

"Eu já poderia ter me aposentado, mas o que me mantém no curso é ir na coordenação em inícios de semestre e ver a lista com os novos alunos. Vou ficando por conta deles, para modestamente poder passar minha experiência. O que me prende aqui são justamente as novas gerações, a curiosidade dela. Isso me move. Vou ficando por aqui... não sei até quando", relata Rômulo com entusiasmo.

A história dele com o curso de Jornalismo iniciou em 1979, quando foi convidado para assumir as disciplinas de Jornalismo Cinematográfico e Técnica de Cinema. Em agosto daquele ano fez o concurso, foi efetivado e permanece até hoje.

O cinema foi o que deu régua e compasso a Rômulo. Apesar da formação em Direito, Rômulo não chegou a praticar a profissão. "Me projetei para fazer cinema, tão tal que fui estudar no Rio de Janeiro. Devido às dificuldades brasileiras, tive que voltar. O Brasil não é Hollywood", comenta.

"O jornalismo foi um rio que passou na minha vida e o meu coração se deixou levar", conta Rômulo Azevedo.

Rômulo não deixou marcas apenas no curso, mas também na própria história da comunicação da Paraíba. "Tenho consciência, modestamente, de que ajudei a modernizar o telejornalismo em Campina Grande", comenta. Graças a formação cinematográfica e a aproximação com o jornalismo através do curso, Rômulo teve portas abertas para entrar na televisão. "O jornalismo me atraiu porque foi a forma de fazer o meu cinema, nas minhas reportagens", conta.

Em 1986, após ser demitido da TV Borborema e de uma breve passagem pela rádio Caturité, Azevedo foi convidado por Hilton Motta (fundador da Campina FM e ex-diretor dos Diários Associados) para integrar a equipe da rádio. Meses depois, inconformado com a mesmice da programação ao meio-dia, sugeriu a Motta criar um radiojornal no meio-dia, o que não era comum naquela época. Hilton Motta permitiu, mas alertou: “É estranho, mas faça e se der certo o mérito é seu. Agora se der errado, vai ser cobrado de você”, relata Rômulo. O programa foi um sucesso.

Em dezembro do mesmo ano se demitiu da Campina FM, após receber o convite de Arlindo Almeida, executivo do Grupo São Braz, para implantar o jornalismo da TV Paraíba. “Topei na hora. No primeiro dia de janeiro de 1987 já estreamos com jornal”, recorda.

Foi chefe da redação da emissora por mais de 20 anos, sendo demitido em 2006. O jornalista, porém, não demorou para receber outro desafio. O empresário Dalton Gadelha logo o convidou para fazer parte da equipe da TV Itararé, hoje Rede ITA. Foi o primeiro editor chefe da emissora, onde passou 3 anos.

Com alunos espalhados em todos os recantos do país, e que hoje são profissionais consolidados, o professor que fez parte deste meio século do curso de Jornalismo da UEPB deixa uma mensagem para os futuros alunos: “Primeiro lugar, respeite o público, o ouvinte, o telespectador. Faça um trabalho com ética, com seriedade. Faça um jornalismo para formação da cidadania das pessoas, para elas entenderem que têm direitos dentro dessa sociedade”, finaliza Rômulo.

Por: Hélio Andrade

Rostand
Mélodie

ISBN: 978-85-7879-874-1



Foto por: Sara Brito

2

Jornalista e professor de Comunicação, Rostand Melo tem 37 anos, é casado com Tatiana Pinheiro e, desta relação, teve 2 filhos, Ana e Luiz. Sua história com o jornalismo começou ainda muito cedo, na fase de dúvidas e descobertas do ensino médio. Mesmo sendo um adolescente tímido e que pouco falava, ele afirma que já sentia uma grande atração pela área de comunicação, em especial pelas áreas de mídias. “Quando eu escolhi Jornalismo, ainda ali no ensino médio, essa parte de mídia já me atraía muito [...] eu já tinha esse interesse pela área de comunicação, apesar de que muitas vezes confundimos o interesse pela área por ser falante, não era meu caso, mas eu tinha interesse por audiovisual e pela escrita”. Além de Jornalismo chegou a cursar, na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), o curso de História, mas não concluiu, pois entendeu que o gosto pelo fotojornalismo era maior.

Rostand hoje atua na academia como professor da área de fotografia jornalística, mas já chegou a trabalhar como assessor de imprensa, na qual decidiu se aprofundar na fotografia. “A fotografia sempre teve um atrativo para mim. Porém, como tem para a maioria de nós, de forma muito amadora, eu tive contato durante a graduação. Contudo, o que mais me aproximou dela foi a atuação na área de assessoria de imprensa”.

Além disso, ele também atuou como repórter e produtor na TV Paraíba. Todavia, o desejo do coração, sempre foi trabalhar na academia, e isso tornou-se realidade em 2011, quando ele retornou para a universidade, desta vez, para trabalhar ao lado daqueles que um dia foram os seus professores. Ele ainda conta que estar como docente na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) é, para ele, uma enorme satisfação, pois toda sua trajetória de vida, desde seus 18 anos, está diretamente ligada à universidade.

Ademais, está à frente dos projetos de extensão Luz Negra que surgiu no ano de 2018, com o intuito de levar oficinas de fotografia para escolas públicas e fazer com que os alunos tivessem acesso. Através disso, com várias discussões para, assim, desenvolver um senso crítico nas crianças, através da fotografia. Em 2020, esse contato com as escolas acabou sendo quebrado, em decorrência da pandemia, e aí surgiu uma adaptação para esse projeto, que passou a ser publicado em formato de *blog*. Já em 2022 com o retorno das atividades presenciais, existe a possibilidade de o projeto voltar ao seu formato original. Todavia, o material que foi criado na internet, permanecerá, pois obteve um alcance inestimável.

Em 2018, junto com a professora Agda Aquino, Rostand idealizou o projeto Grão Fino, que é um evento acadêmico realizado em conjunto com os cursos de Arte e Mídia da UFCG e de Jornalismo da UEPB, e tem como

objetivo promover atividades de pesquisa e extensão na área de fotografia, agregando pesquisadores, estudantes e profissionais de diversas áreas do campo da Comunicação e das Artes Visuais. No ano de 2021, a programação foi integralmente *on-line*, com palestras, oficinas e grupos de trabalho com apresentações de artigos científicos, por causa do cenário da pandemia.

No caso desse projeto, a idealização sempre foi um grande desejo de Rostand desde que ingressou na UEPB. No final de 2015, “sempre conversando com Agda e com outros colegas que passaram pelas disciplinas de fotografia, [...] sobre esse interesse de criar um evento, no primeiro momento, a partir da ideia que a professora Cristiane trouxe de um evento antigo de Arte e Mídia, que era a Grão Fino, nós acabamos formatando o evento que foi crescendo aos poucos”.

A ideia sobre não ter o evento da Grão Fino no início da pandemia, foi um grande choque para os idealizadores. Apenas após a implementação das aulas remotas, acendeu uma esperança. A partir desse momento, o evento tomou proporções nacionais. “O formato *on-line* acabou permitindo uma ampliação de participações que antes não era imaginado. Nós não discutimos nada este ano, [...] mas já está meio posto que em alguma etapa teremos algo *on-line*. [...] Pelo menos a participação dos artigos e das apresentações de trabalho devem continuar de forma híbrida para dar oportunidade às pessoas de outras regiões apresentarem seus trabalhos e dialogar. Tivemos nestas últimas duas edições, gente do Paraná, Rio Grande do Sul, Florianópolis, algumas pessoas que estavam produzindo teses de fotografia na USP. [...] Acho que esse diálogo, que o *on-line* facilita entre diferentes regiões, deve se manter”. Apesar da grande oportunidade que o formato remoto trouxe, Rostand ainda anseia pela volta do evento nos auditórios da UEPB.

Depois dessa pandemia, existe um sentimento que alunos e professores compartilham: o da vontade de aprender e de ensinar com todas as possibilidades que uma experiência presencial proporciona, e que apenas professores como Rostand têm o poder de tornar ainda melhor.

Por: Cecília Marinho, Anny Caroline,
Ester Bezerra, Maria Teixeira e Paloma Mahely

Agda
Aquino

ISBN: 978-85-7879-874-1



Foto por: Adrya Vitória e Izomara Magna

3

Nascida em João Pessoa, Agda Patrícia Pontes de Aquino é graduada em Jornalismo pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), mestra em Comunicação e Estudos da Mídia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e doutora em Educação pela (UFPB). É professora universitária na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e na UFPB, e também é fotógrafa.

Com o desejo de transformar o mundo em um lugar melhor, Agda mostrava seus trabalhos para chefes de redações, distribuía seu currículo em diversos lugares. Conseguiu trabalho na TV Cabo Branco após um mês de formação na universidade. Ela amava estar na redação, fez cobertura para diversos jornais da Globo.

No entanto, com uma rotina diária pesada, a jornalista não conseguia fazer uma especialização na área. Durante esse período, sofreu um acidente de moto que a afastou do trabalho por 6 meses e também a fez repensar onde queria estar no futuro, pois já tinha feito muita coisa durante 10 anos na TV. A partir desse momento, voltou a estudar, fez especialização em Estudos da Mídia pela Universidade Potiguar (UnP). Ela foi convidada a dar aula em um curso de Comunicação e Publicidade, descobrindo, assim, a paixão pela sala de aula. “Saí do primeiro dia de aula com muita clareza. É isso que quero fazer para o resto da minha vida, mas quero fazer no jornalismo”.

Nas redes sociais, ela demonstra o afeto pela moda, pois as avós costuravam e bordavam, assim a ensinaram a fazer o mesmo. Agda sempre gostou de chamar atenção das pessoas pelo visual. Na época da TV, a jornalista fez várias matérias de moda e até virou colunista do G1, porque a área se liga com o jornalismo cultural.

Logo após, fez o curso de Design de Moda como hobby. Em 2013, aprovou junto à UEPB a disciplina Jornalismo de Moda e passou a lecioná-la na Instituição. Na disciplina, todo período surge novos projetos feitos pelos alunos, como por exemplo, a revista *Xique-Xique*.

Por ser filha de um fotógrafo, Agda sempre teve contato com câmeras. Porém, nunca havia levado a atividade como profissional, até que foi convidada a dar aula na Faculdade Asper, em João Pessoa.

Um fato importante a ser lembrado é que Agda foi a primeira mulher a ministrar os conteúdos de fotografia em duas universidades públicas do estado da Paraíba: UEPB e UFPB. Para ela, esse fato remete mais a um problema estrutural do que a um mérito, pois sua capacidade profissional foi posta em dúvida diversas vezes por ser mulher.

Em 2020, as pessoas ficaram ainda mais ligadas em redes sociais devido a quarentena e a fotógrafa aproveitou para iniciar um desafio em seu perfil do Instagram. Denominado como “Selfies da quarentena”, a tarefa era postar sempre uma foto criativa a fim de exercitar as técnicas de fotografia. O perfil na rede social foi ficando cada dia mais colorido e cheio de novas ideias para as pessoas praticarem em casa.

A partir disso, veio a ideia de criar o livro *Lições de fotografia* para fazer em casa: técnicas, composição e criatividade, que contém o passo a passo de cada foto e ainda várias dicas técnicas. Segundo ela, é um material realista e voltado para iniciantes que queiram começar sua carreira na fotografia ou incrementar suas fotos, fazendo as dicas através de um *smartphone*.

Por: Antônio Mário, Gabriela Oliveira,
Maria Elisa, Maria Mikaelli, Raquel Nuto

Ada Guedes

ISBN: 978-85-7879-874-1



Foto por: Sara Brito

4

“**A**gradeço a Ada por toda contribuição, dedicação e por cada dose de esperança que ela sempre plantou não só na turma, mas em mim”.

Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), mestra em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e graduada em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Ada Kesea Guedes Bezerra é a pessoa a qual pertence esse currículo bastante significativo que leciona e contribui há cerca de uma década no curso de Jornalismo.

Entretanto, além das funções sociais às quais exerce, existe uma mulher que exala feminilidade, determinação e força de suas raízes sertanejas. Com isso, Ada Guedes é referência, dentro e fora da academia, no que tange ser cirúrgica com as palavras as quais utiliza para lutar e dar voz à diversas causas.

Dessa forma, questões de gênero, orientação sexual e minorias como um todo são vistas pela professora como imprescindíveis para que se crie uma bagagem para uma maturação com responsabilidade social por parte dos discentes. Assim, focada na vertente de pesquisa, Ada Guedes é responsável e ativa na criação de projetos e eventos que abrem espaço para essas discussões e, por conseguinte, os alunos atuem e coloquem em prática os conhecimentos adquiridos para além da sala de aula.

Diante disso, acreditando que uma boa formação profissional parte também da conexão entre os alunos e, como consequência, seus diversos mundos, projetos como a revista *Luppa* e o Campina Cultural são algumas de suas idealizações e propostas de alunos que a professora abraçou, culminando na construção e formação de excelência de profissionais conscientes.

“Acredito que a *Luppa* é e foi um ensinamento, não só para nós que idealizamos, mas para todos vocês, leitores. Ela não é um material que se encontra em qualquer estante, é algo único que fala sobre o que cada um de nós acreditamos. Representa a voz de quem um dia nunca foi ouvida e, através dela, teve a oportunidade de nunca mais se calar”, enfatiza Luanna Albéria, uma das idealizadoras da revista, ex-estudante do curso e, hoje, jornalista.

Assim, conhecida nos corredores da Central de Aulas da Universidade Estadual da Paraíba por trazer leveza em meio a um curso tão corrido, anos atrás, Ada Guedes saiu da realidade, até então inesperada para qualquer um, de olhares atentos e curiosos da sala de aula, para visão dos ícones com ou sem fotos de seus alunos numa tela de computador, na qual, parte

de sua sala de aula está fragmentada de dentro de sua própria casa, onde ensina, corrige e avalia aqueles a qual mentoria.

Dessa maneira, a professora sente falta de todas as ligações feitas presencialmente, mas acredita que o conhecimento pleno parte de três vertentes, sendo ensino, pesquisa e extensão, nos quais, ainda que tenha se valido de restrições, são por ela reforçados e testemunhados pelos discentes que afirmam adquirir uma visão ampla da realidade e atestam a grande contribuição que Ada Guedes os passa, oriunda do seu amplo repertório, gentileza e grandiosidade da sua personalidade. Por isso, a professora é grata por todo o leque de saberes que os outros cursos que concluiu, a proporcionou, e afirma “esses campos formaram um repertório para mim. Eles construíram uma base, que é uma base também metodológica, algo que a gente emprega para o discurso, para as metodologias em sala de aula, para o despertar do aluno sobre as visões e temáticas sociais”.

Dessa forma, atuando também em bancas de TCC's, Ada Guedes afirma que seu despertar para enveredar pelo caminho docente partiu da banca na qual a avaliou. Assim, desde então, enxerga o papel dos professores como necessário e repleto de responsabilidades no que diz respeito julgar toda uma construção acadêmica. Logo, é um momento em que a professora se sente realizada por fazer parte de uma construção pessoal e profissional do aluno, e, assim, reafirma sua escolha de lecionar. “Eu vejo a defesa de TCC como o colamento de uma trajetória, é quando o aluno dá tudo de si, ele junta forças – muitas vezes já cansados – para fechar um processo e quando eu vejo o aluno satisfeito, consciente de sua trajetória, isso me faz feliz”.

Diante disso, é notória a contribuição que cada profissional, como Ada Kesea Guedes Bezerra, tem, ao longo desses 50 anos do curso de Jornalismo, na Universidade Estadual da Paraíba, uma vez que, são a partir de profissionais de referência, como a professora em questão, que o curso se perdura em meios a tantas decisões externas que o enfraquecem e chegam a desmotivar pessoas da área. Entretanto, são esses docentes comprometidos em formar ótimos profissionais que elevam o curso de Jornalismo na UEPB a categorias de referência nacional no quesito excelência do saber.

Por: Adryan Brito, Bianca Pinheiro Silva,
Débora Andrade, Jéssica Fernanda Sousa, Karen Cirne

Jurani Clementino

ISBN: 978-85-7879-874-1



Foto por: Sara Brito

5

“É sentimento, é poesia, é alegria, tristeza, força, coragem, migração, mas também é beleza, criatividade, é inovação”. É com essa frase que Jurani Clementino finaliza sua crônica *Dia do Nordestino*, é curioso pensar que ao se tratar ao nordestino, ele também pode fazer uma referência a si mesmo, pois todas as características descritas condizem com a personalidade e essência do escritor e jornalista.

Jurani Clementino é professor do curso de Jornalismo, na Universidade Estadual da Paraíba, jornalista e escritor. Natural de Várzea Alegre, no sertão do Ceará, com sua clássica camisa xadrez e feições nordestinas cita a nordestinidade em grande parte dos poemas que escreve, e acredita que a raiz nordestina é estar submerso em um “maravilhoso estado de espírito”, como cita na crônica *Dia do Nordestino*.

No ambiente onde está habituado a dar aulas, Jurani concede uma entrevista para o Meio Século, e diz que defende a prática do jornalismo profissional em comprometimento com a verdade, pois entende que assim a população brasileira pode exercer a cidadania e a democracia de forma coerente, com pessoas pensantes e não manipuláveis.

A decisão dele por optar pela carreira jornalística literária surgiu desde cedo, envolvendo a formação familiar, visto que a mãe era professora, e possuía muitos livros dentro de casa. Sendo assim, apesar de humilde, a infância de Jurani foi repleta de cultura literária, que se juntou ao fato de residir em uma cidade sertaneja muito simples, em que as pessoas precisavam retirar água no poço.

“As pessoas lá no sertão chamavam de “esgotar o poço”, tirar a água, pois geralmente a noite passava algum bicho, e geralmente aquela água do poço era potável, se tirava de determinadas cacimbas para levar para casa”, ele diz.

Um dia, a curiosidade veio e despertou em Jurani o interesse pela leitura, ele começou lendo livros que a mãe tinha em casa, mas nunca se esqueceu da primeira obra infanto-juvenil que lhe ganhou o coração, chamada *As Aventuras de Tibicuera*, de Érico Veríssimo. O livro fazia referência a inúmeros movimentos revolucionários brasileiros de forma lúdica, levando Jurani a cair nos encantos da paixão por versos metafóricos, assim, descobriu pela primeira vez que queria ser um escritor.

“O primeiro livro que me causou um “espanto” era de Érico Veríssimo, era um livro infanto-juvenil: *As aventuras de Tibicuera*. Era um menino que era um índio que não morria, e ele acaba acompanhando todos os grandes movimentos revolucionários do Brasil. Acaba sendo um livro meio que história, mas também mistura essa coisa da literatura e da ficção.”

Com a vontade de ser um escritor em mente, ele enfrentou diversos desafios durante a sua jornada acadêmica e profissional, saiu de Várzea Alegre, no Ceará, para Campina Grande, na Paraíba. O professor entendeu que cursar Jornalismo seria a sua melhor opção, pois tinha conhecimento de grandes escritores que também eram colonistas de jornais. Assim, ingressou no curso de Jornalismo na UEPB, ali, acabou desvendando outra relação afetiva, dessa vez, o amor pelo jornalismo.

Embora a sua história amorosa com o jornalismo estivesse começando, trabalhar com o isso inicialmente também foi difícil, Jurani conseguiu uma vaga de estágio para trabalhar na redação de um jornal televisivo, ele conta que o telejornalismo não era bem a sua área, mas conseguiu ludibriar os subterfúgios e conseguiu se enquadrar na rotina que lhe foi proposta. Depois de um tempo, passou a cursar mestrado, mas nunca desistiu da sua carreira de escritor, sempre veio postando seus conteúdos na plataforma *Paraíba Online* desde 2009.

Hoje, Jurani atua como professor substituto na UEPB, pratica o jornalismo subjetivo e continua encantando as pessoas com os poemas e crônicas que trazem consigo uma essência crítica e de certa forma metafórica sobre diversos assuntos diferentes. Uma das suas obras mais famosas são: o livro *Memórias sertanejas: Tardes, calçadas, redes e alpendres*, que narra as experiências vividas pelo autor no seu tão amado sertão; bem como a crônica *Os Ariados*, publicada na plataforma *Paraíba Online*, na qual versa sobre a experiência tanto dos primos quanto dele que foram emblemáticas, já que misturava o sertão nordestino seco, onde tinham casas de taipa, florestas, poços e gente humilde, com a capital paulista, fria, úmida, com enormes edifícios e girando em torno da modernidade com pessoas familiarizadas com as mais altas tecnologias de ponta. Ao mesmo tempo em que as culturas se fundiam, era perceptível a discrepância de duas regiões diferentes que, ainda assim, faziam parte do mesmo país.

Para ele, o jornalismo e a literatura caminham juntos, com a intenção de levar conhecimento e cultura, aliados em uma espécie de “mutualismo” que instrui para que as pessoas sejam mais racionais e empáticas simultaneamente, permitindo que o jornalismo sério atue com um olhar mais afetivo, impactando de forma direta na vida da população, contribuindo para a formação de uma sociedade que age em prol do bem comum.

Por: Karen Cirne

Cidová
Morais

ISBN: 978-85-7879-874-1



Foto por: Maria Oliveira

6

“Escolha”, substantivo feminino que representa o ato de selecionar algo de acordo com sua preferência. Segundo a mitologia grega, três irmãs conhecidas como Moiras determinavam o destino dos homens. “Destino”, substantivo masculino que pode ser entendido como tudo é escolhido pelas leis naturais, sina, sorte ou futuro. Não se sabe ao certo se Cidoval escolheu ou foi escolhido pelo Jornalismo. O destino poderia até atrever-se a dizer que não, mas o curso da vida rendeu-se ao encontro dos dois.

Foi no âmago da infância que o também sociólogo aproximou-se da arte de comunicar. Se o êxodo rural pudesse conversar com as Moiras, lhes confidenciaria que o menino carregava o dom e a devoção pela escrita. “Sempre tive paixão por escrever. Comecei logo cedo, com uns 7 anos, já escrevia cartas no sítio em que morava para mulheres cujo os maridos viajavam em busca de emprego no Sul, na época chamadas de viúvas da seca”, comentou o professor Cidoval.

Daí por diante, enveredou no caminho de maneira que não se fazia entender que seria esse um dos rumos da sua vida. Foi através do jornalzinho produzido na escola, da comunicação na igreja, na apresentação de anúncios na rádio local que o destino o encaminha para a profissão.

Quando precisou subir a Serra da Borborema, após ingressar no curso de Sociologia da Universidade Federal de Campina Grande, viu em um anúncio a oportunidade de se estabilizar na cidade a partir de um teste para repórter de um jornal impresso. Com a coleção de experiências na comunicação, em meados de 1985, Cidoval passou em primeiro lugar para ocupar a redação do *Diário da Borborema*.

Lembra com carinho da experiência dos primeiros trabalhos, sobretudo, da primeira matéria publicada. O material consistia em reunir opiniões dos campinenses acerca de uma constituinte. Após uma semana de produção, ele recorda com gratidão a sensação de ver seu texto impresso em uma página inteira no jornal de domingo. Relembra também que o texto foi publicado com algumas modificações e se diverte ao falar sobre isso. Tal trabalho rendeu à Cidoval, pouco tempo depois, a condição de ser editor de política. Cobriu as primeiras eleições diretas depois da ditadura militar, a primeira eleição para governador e alguns fatos históricos do cenário político paraibano.

Em 88, mesmo na condição de não ser – academicamente – um jornalista, o então estudante de Sociologia se destacou e foi convidado à compor a chefia de redação da TV Paraíba, migrando do jornal impresso para o telejornal. Foi aí que Cidoval sofreu pressão por parte dos sindicatos da

categoria que pediam seu registro profissional. O destino, as Moiras ou as escolhas fizeram com que o paraibano ingressasse, nos anos 90, no curso de Comunicação Social na Universidade Estadual da Paraíba.

Com o curso, sobretudo, com a prática, aprendeu que: “O jornalista precisa ter e criar condições de ouvir as pessoas, é ouvindo que se capta a melhor informação, é ouvindo que você pode observar melhor o gestual das fontes e isso também acrescenta as informações”, aprimorar o texto vendo referências, potencializar a leitura para se destacar na escrita, o respeito pela informação e a paciência pedagógica com os furos e, principalmente, que o jornalismo acontece, de fato, nas histórias das pessoas.

Com o mestrado em Sociologia Rural, Cidoval uniu suas duas áreas profissionais em um único código: o conhecimento interdisciplinar. Tornando-se, também, autor de livros como: *Cartas à Paulo Freire; Ciência, tecnologia e sociedade: enfoques teóricos e aplicados*, e sua obra áurea *Processos de Regionalização Midiática*, que deu início a uma gama de conhecimento e estudos a respeito da Comunicação e Desenvolvimento.

“Entre nesse campo estimulado pelo professor Zé Marques de Melo, em saudosa memória, e foi com ele que eu produzi os melhores trabalhos. Escrevi uma obra singular e que marca esse processo com ele: *Processos de Regionalização Midiática*. Nesse contexto, nasceu lá em Taubaté onde eu trabalhava na época e, logo na sequência, aqui em Campina Grande, a disciplina de Comunicação e Desenvolvimento que foi criada na UEPB pelo professor Luiz Custódio, com a participação do professor Roberto Faustino e outros do grupo que eu tive o privilégio de participar, logo que cheguei aqui depois de uma temporada fora em 2007”.

Aluno da instituição, ele volta para casa como professor. E no meio século do curso que o escolheu, escreve os próximos 50 anos do curso através dos seus alunos. Destino ou não, a história que mora em Cidoval caminha lado a lado com a trajetória da comunicação paraibana.

Por: Malu Farias

Luiz
Custódio

ISBN: 978-85-7879-874-1

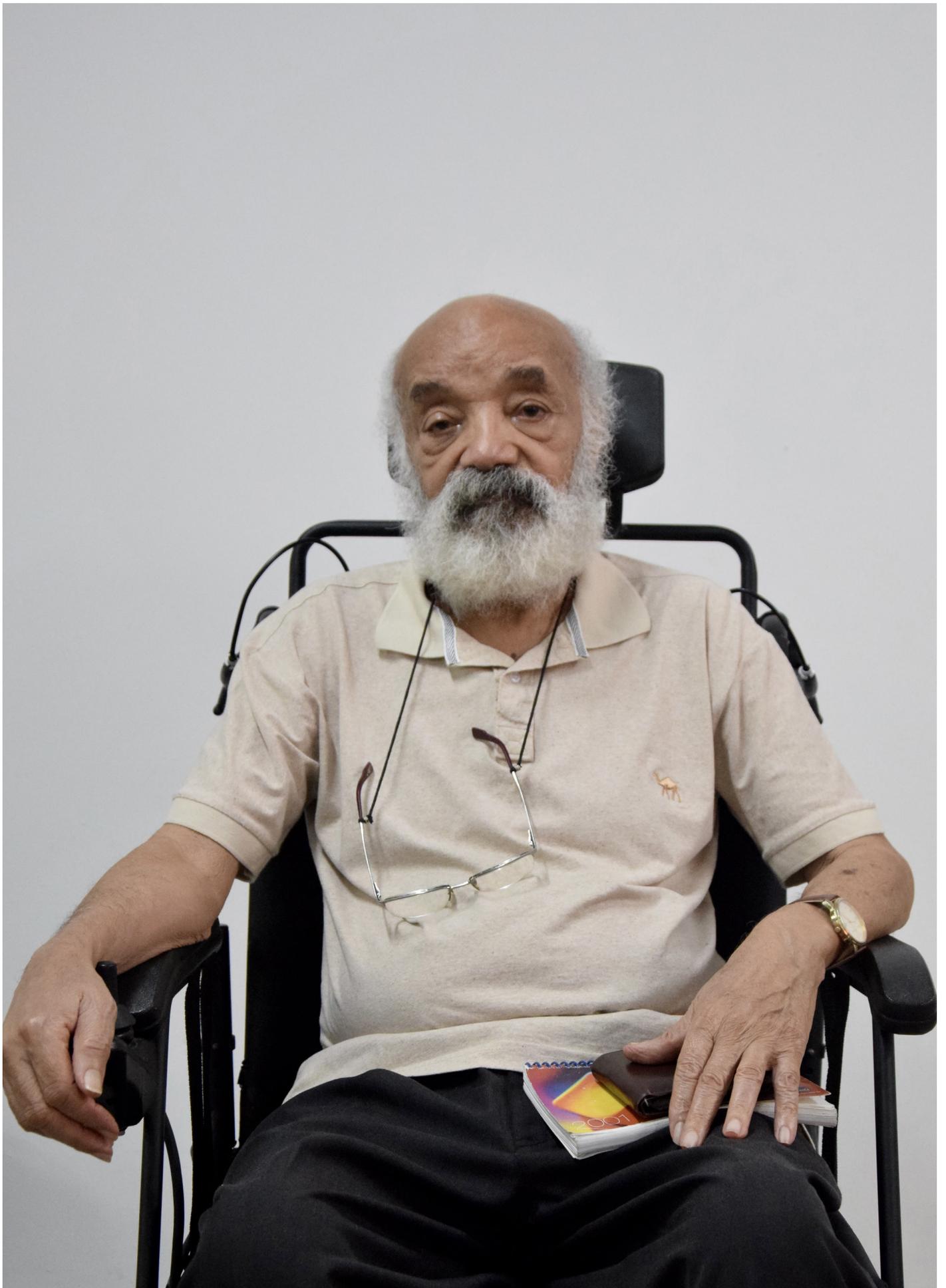


Foto por: Sara Brito

7

Vindo de uma família muito religiosa, acostumado a rezar sempre os terços de maio junto com sua mãe, como um bom católico, Luiz Custódio da Silva se considera um homem religioso. Ele acredita que é um homem abençoado e iluminado por ter conquistado tanta coisa ao longo da sua vida. Custódio se formou em Jornalismo no ano de 1974, ainda muito jovem chegou a trabalhar no *Diário da Borborema* e no *Diário de Pernambuco*. Nos dias de hoje, atua como professor da Universidade Estadual da Paraíba.

Nascido e crescido em Riachão do Bacamarte, na Paraíba, desde muito jovem ingressou no Movimento Cineclubista e começou a frequentar o Cine Clube de Campina Grande, junto com alguns amigos. A partir daí, viu a paixão por cinema e por atividades culturais ganharem cada vez mais espaço no coração. Era comum o jovem Luiz se juntar com seus amigos, também amantes de cinema, para discutir e debater sobre os filmes que assistiam e, desta forma, um ia aprendendo com o outro. Tendo sido um jovem muito curioso, Custódio buscava aprender cada vez mais sobre cinema, mesmo tendo um conhecimento ainda prévio e poucos livros que pudessem o auxiliar nesse meio. Entretanto, ele não deixou que isso o impedisse de procurar estar próximo desse ambiente, e sem nem mesmo perceber, crescia ali uma relação dele com o jornalismo, que faria parte de sua vida completamente dali em diante.

Pouco tempo depois, Custódio se tornou o presidente do Cine Clube. Mesmo com o pouco conhecimento, ele aceitou o desafio, afinal, estava sempre disposto a aprender. O “guri buchudo”, como o mesmo se intitula, agora presidente do Cine Clube de Campina Grande, estava vivendo seu sonho, trabalhando com algo que gostava. Mas isso era apenas o início, muita coisa ainda iria acontecer dali pra frente. O paraibano começou, então, a frequentar a rádio Caturité, participando de um programa sobre cinema, daí em diante se envolveu com o rádio, ganhando experiência também nesse meio. Não satisfeito, começou a escrever para o *Diário da Borborema*, também em um espaço sobre cinema.

A semente do jornalismo estava plantada no coração de Custódio, e ele sabia que era o que ele queria fazer pelo resto da sua vida. Mesmo com os pais planejando que ele seguisse outro rumo e cursasse Medicina, Custódio seguiu seu coração e foi para Recife, em 1968, disposto a estudar aquilo que amava. Começou, portanto, a frequentar a Universidade Católica de Pernambuco e, pouco tempo depois, tendo trazido consigo suas experiências já adquiridas, começou a trabalhar no *Diário de Pernambuco*.

Se formou no ano de 1974 e retornou à Paraíba em 1976, aos 26 anos, quando surgiu em Campina Grande o curso de Jornalismo na Universidade Regional do Nordeste, atual Universidade Estadual da Paraíba. Custódio foi o primeiro professor com formação em jornalismo atuando na Universidade Regional do Nordeste no Departamento de Comunicação Social. Mesmo jovem, já se sentia realizado por ter conquistado tantas coisas, mas ainda não deixou de ir em busca de mais. Tempo depois concluiu o mestrado em Administração Rural e Comunicação Rural pela Universidade Federal Rural de Pernambuco, no ano de 1983 e, posteriormente, o doutorado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo, no ano de 1991.

Ele possui vasta experiência na área de Comunicação, especificamente em Teoria da Comunicação e Comunicação Comunitária, ministrando principalmente nos seguintes temas: cotidiano e informação, imprensa regional, informação e cidadania, folkcomunicação e cultura popular, pesquisa na Paraíba e ensino de pesquisa.

Sendo um apaixonado por cultura, Luiz Custódio sente que há uma responsabilidade de manter sempre o jornalismo ligado à formação cultural e artística, pois, aos seus olhos, tudo está interligado. Inspirado por essas manifestações, ele entende que a cultura é “capaz de iluminar a humanidade”, isso é algo sempre mencionado nas aulas de Comunicação Comunitária e Folkcomunicação e Cultura Popular. Um incansável pesquisador do jornalismo local, regional e em áreas interioranas. Ele vê a necessidade do jornalismo olhar para outras áreas, buscando sempre conhecer as produções em diversas cidades, seja capital ou interior.

O professor mais antigo do curso de Jornalismo da UEPB ainda se mantém fiel ao que ama fazer: ensinar. Ele continua sendo ainda um apaixonado pela comunicação e diz que ainda se mantém firme, obstinado e corajoso para cumprir suas atividades profissionais e acadêmicas, mantendo a responsabilidade de continuar trabalhando, ensinando e passando adiante o conhecimento que possui. O “menino buchudo”, que sempre foi muito curioso, obstinado e corajoso, conquistou muitas coisas em sua vida. Aquele jovem apaixonado por cinema, que não tinha ainda muito conhecimento sobre o mundo, se tornou um homem sábio, culto e erudito, com muito aprendizado e experiência, além de muito entendimento, no qual perpassa para os seus alunos nas suas aulas e para todo aquele que tem o imenso prazer de poder conhecer o grande comunicador Luiz Custódio.

Por: Edson Cleiton, Felipe Fagner,
Jonas Souza, Michele Araújo

Luís
Adriano

ISBN: 978-85-7879-874-1



Foto por: Gabryele Martins

8

Relembrando a história com o sentimento de gratidão e de conquista, Luís Adriano, hoje professor da Universidade Estadual da Paraíba e escritor, conta como foi um jovem no início dos seus 20 anos, ainda imaturo carregando consigo a certeza de querer cursar Jornalismo. Dentre diversas opções e dificuldades, perceber a necessidade de ir atrás do seu sonho em uma cidade nova sem pais e amigos próximos, saindo da cidade natal, Garanhuns, em Pernambuco para Campina Grande, onde encontrou acolhimento e hoje desempenha papel tão importante na vida universitária de tantos alunos, durante a conversa repete inúmeras vezes o quanto no final essa escolha foi feliz.

“Tudo aconteceu da melhor forma para mim em Campina Grande. Através do curso de Jornalismo fui vendo que [o curso] poderia se tornar um espaço para crescimento e desenvolvimento profissional. Tenho tudo vivo na memória, parece que foi ontem, sou muito grato e realizado, feliz pela escolha”.

No caminhar da jornada no curso se deparou com inúmeras oportunidades e abraçou todas as que encontrava pelo caminho durante o processo. Seja de monitoria, projetos de extensão, trabalho de iniciação científica ou até mesmo editar uma revista que circulou comercialmente na cidade natal, dentre outros espaços que o curso oferecia. Poderiam existir milhares de dificuldades no decorrer, porém Luís Adriano buscava formas para enfrentar e não acabar sendo prejudicado.

“Eu via os problemas, mas eu não parava para observar eles, eu parava sempre para ir resolver as dificuldades que se apresentavam a mim. Se eu pagava uma disciplina de planejamento gráfico e tinha poucos computadores para uma turma de trinta alunos, depois que terminava a aula, eu buscava espaços para suprir as dificuldades”.

O professor passou pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) em todas as instâncias. Foi de aluno da Universidade para assessor de imprensa, técnico administrativo, cursou a pós-graduação nela, atuou como professor substituto entre 2008 e 2011 e retornou como efetivo.

Em um momento chega até citar um trecho de Gilberto Gil: “A Bahia já me deu régua e compasso”. Para ele, o jornalismo é isso. Conta que tem viva a lembrança de uma das motivações para lecionar que veio através do olhar atento e de uma simples pergunta da professora Cássia Lobão (também docente da UEPB): “Você já pensou em seguir a carreira acadêmica?”. Após isso, começou a observar e ver as possibilidades que estavam diante de si. Mesmo tendo trabalhado em edição de impresso, assessoria

de imprensa e propagandas institucionais como repórter, quando foi necessário escolher a área acadêmica se mostrou um caminho mais satisfatório.

Luís Adriano, como professor, busca uma proximidade com os alunos. Se preocupa com cada um e em como auxiliar na jornada, transformando o curso em lar para que sintam o mesmo sentimento que ele pela Universidade. Emocionado e transbordando o sentimento de felicidade, conta que: “Voltar como professor, foi como voltar para casa... Eu chego em uma turma, é estar diante de mim, alunos que vão ser colegas de trabalho, que se tornam amigos. Estar aqui é voltar para casa”.

No presente, o professor afirma que o sentimento que lhe representa é de gratidão, por todas as oportunidades que lhe foram apresentadas durante toda a trajetória nesses 23 anos de vida acadêmica, seja pelas produções, projetos de pesquisas publicados, ou pela condição de hoje, como professor da Universidade, estar contribuindo com a formação de cada aluno e dar continuidade ao curso, pelos seus livros publicados: *Antonio Nóbrega em paisagens (pós) armoriais: semeando, fertilizando e florescendo (2019)* e *Antonio Carlos Nóbrega em acordes e textos armoriais (2011)*, por tudo.

“Não tem outra coisa a dizer, senão dizer que sou extremamente grato. De tudo isso que representa na minha vida. Gratidão!”.

Por: Nicolý Calixto

Raul
Ramalho

ISBN: 978-85-7879-874-1



Foto por: Debora Leite

9

As ruas de barro do Médici foram palco de uma infância feliz, cercada por primos e seus três irmãos. Raul carrega consigo memórias de uma criação tranquila, em grande parte graças a sua mãe que mesmo com o desafio de criar quatro meninos sozinha, garantiu que eles tivessem uma educação amorosa e cheia de valores.

“Foi uma infância bem feliz. [...] A vida da gente era relativamente simples, mas como criança, era tudo muito bom, tudo muito tranquilo”.

Quando pequeno, Raul não pensava em que profissão seguir, sua preocupação era apenas ser criança, foi na quarta série do fundamental que ele conheceu a língua inglesa e se interessou a ponto de iniciar por conta própria seus estudos na área, o que o levou a gostar do *rock* internacional.

No final do ensino médio estava dividido entre cursar Letras Inglês e História, graças a predileção pelas áreas de humanas. Contudo, a ideia de lecionar no ensino fundamental ou médio não o deixou satisfeito. Com o propósito de agregar sua leitura e escrita, iniciou a busca por uma terceira opção e, assim, encontrou-se com o Jornalismo. Mesmo que naquele momento não houvesse paixão pelo processo que viria pela frente, seguiu.

“Eu comecei a gostar de Jornalismo enquanto cursava Jornalismo”.

Com divertimento, ele recorda a época que ingressou na Universidade Estadual da Paraíba: “Minhas lembranças como estudante – risos – não são muito exemplares, no curso eu aproveitei bastante o lado da festa, eu aproveitei bastante essa parte”.

Talvez nessa época ele não tivesse noção de que ali estaria dando os primeiros passos rumo a uma vida de realizações pessoais e acadêmicas, e que ali encontraria a mulher com quem iria dividir a trajetória.

Raul conta que teve uma relação boa com os professores e é pensando nisso que hoje, como professor do curso em que se graduou, tenta estabelecer com os alunos uma relação de troca, de orientação e acolhimento.

O interesse pela carreira acadêmica surgiu em 2009, quando iniciou a especialização em Mídia e Assessoria de Comunicação. Com um currículo extenso, e digamos que invejável, ele carrega títulos que são frutos de muita dedicação à carreira acadêmica e como pesquisador.

Durante a pesquisa de mestrado na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), tendo como orientador o professor Luiz Custódio, tinha o objetivo de encontrar algo que conectasse a TV – na época trabalhava na Itararé, hoje conhecida como Rede Ita – ao esporte. Sendo assim, Raul focou no “esporte amador nos jornais esportivos locais” e escreveu um livro sobre o tema, para uso acadêmico.

Em 2017 começou o doutorado em Estudos da Mídia na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), logo em seguida foi aprovado em uma seleção para o doutorado sanduíche e partiu rumo a Portugal, para a Universidade da Beira do Interior (UBI), onde lhe foi sugerido fazer o doutorado em regime de cotutela, podendo, assim exercer o título em alguns países da Europa.

Retornar à UEPB como professor foi muito gratificante e satisfatório, a sensação de atingir um de seus objetivos profissionais lhe despertou ainda mais interesse em seguir rumo à efetivação.

“Eu me formei na UEPB. Então há toda uma relação afetiva: dar aulas com professores como Custódio, que foi meu orientador de mestrado e que é uma referência acadêmica; com professor Rômulo, que foi meu primeiro chefe e Firmino, que é uma referência nacional na área de pesquisa, é muito fascinante”.

As experiências profissionais adquiridas no campo da assessoria e nos 10 anos em que trabalhou com o telejornalismo contribuem no dinamismo da sua docência. O paralelo entre teoria e prática realiza o desejo em devolver aos alunos tudo o que o curso proporcionou a ele.

Com brilho nos olhos Raul imagina como serão os próximos 10 anos, agora com a chegada da sua primeira filha Liana, do relacionamento com a esposa e também jornalista, Luciellen Lima.

O desejo de se dedicar à esposa e filha, criar memórias, viajar, ter uma vida estável, fazem com que ele também se esforce ainda mais para alcançar os objetivos profissionais, e se tornar membro permanente do quadro efetivo de professores de uma universidade pública, carregando consigo a disposição para ouvir, auxiliar e incentivar os alunos a sempre desafiarem seus limites.

O menino que cresceu correndo nas ruas de barro do Médici não imaginou que teria tantas conquistas para celebrar na vida, a infância doce foi apenas o início daquilo que veio a ser sua caminhada, agora com paixão pelo jornalismo, e um juramento de felicidade com sua amada família.

Esse é Raul Ramalho, professor substituto no curso de graduação em Jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba, e isso é apenas um pequeno recorte do que ele acrescentou aos 50 anos de história do nosso curso.

Por: Karen Baracho

Fernando
Firmino

ISBN: 978-85-7879-874-1



Foto por: Sara Brito

10

Com 19 anos de experiência na Universidade Estadual da Paraíba, o professor, pesquisador, e também ex-aluno da instituição, Fernando Firmino é um jornalista experiente que traz consigo uma vasta gama de experiências em diversas áreas do jornalismo.

Natural do interior de Pernambuco, mais precisamente da cidade de Santa Cruz do Capibaribe, Fernando Firmino da Silva, quando criança, era gazeteiro do *Jornal do Comércio* e hoje tornou-se um completo jornalista. “Eu queria fazer o jornal. Eu não queria só entregar jornal”.

O amor dele pelo rádio começou muito cedo, o primeiro estágio foi na Campina FM. Porém, todas as oportunidades de exercitar a profissão que chegavam até ele eram aproveitadas. Ao decorrer da graduação ele foi levado a se aventurar, também, em outras áreas do jornalismo, incluindo, diagramação, assessoria de imprensa e mídias digitais.

Ainda mesmo sem estar na graduação, Firmino trabalhou em uma rádio de sua cidade no interior e, assim, cresceu ainda mais o desejo de ser radialista. Ele relata que desde menino sempre existiu o desejo de cursar Jornalismo, e nunca hesitou ou pensou em algo diferente para a vida.

Apesar das dificuldades enfrentadas ao sair da cidade natal para estudar, demonstrou profundo envolvimento e entusiasmo com a Universidade e o curso. Ele participava de tudo, nunca perdia aula e vivia plenamente a experiência universitária.

“Até hoje, quando eu passo de frente ao curso do São José, eu confesso que meio que me arrepiava ainda, porque eu tenho muita saudade do ambiente universitário”.

Fernando destaca que as experiências formataram sua carreira e o tornaram o que é hoje. Como professor, ele considera que essas experiências são um diferencial, pois pode compartilhar com os alunos o conhecimento adquirido ao longo da trajetória. E para isso ele criou o projeto Repórter Junino, na UEPB. O projeto é como uma redação para os alunos aprenderem na prática, em que ele exerce a função de editor, mantendo, assim, a relação também como jornalista na prática.

“Então, todas essas experiências foram fundamentais para o que eu sou hoje, para a minha visão de mundo como jornalista, para o que eu compreendo até como professor, de como deve ser a profissão, entender as tendências para onde é que o jornalismo vai”.

Além de toda a trajetória e contribuição nos 50 anos do curso de Jornalismo da UEPB, Fernando já foi professor do curso de pós-graduação na Universidade Federal da Paraíba, ganhou o Prêmio Freitas Nobre (INTERCOM 2008) pela sua tese de doutorado e publicou livros com temáticas importantes no jornalismo.

Foi precursor nos estudos sobre jornalismo móvel, também ensinando tal modalidade na UEPB, tornando-se renomado na área por enfatizar que o consumo de notícias em dispositivos móveis seria usado tanto no Brasil quanto no mundo, e os meios de comunicação deveriam inovar em termos de narrativas e modelos de negócios para se adaptar a essa tendência mesmo antes do jornalismo móvel se tornar febre. Após a longa jornada que ainda segue, diz que se encontrou como pesquisador, algo que nunca planejou viver na carreira.

Fernando Firmino se encontra entre os 50 pesquisadores de destaque da Universidade Estadual da Paraíba, de acordo com o ranking internacional de pesquisadores de 2023 (*Scientific Index 2023*). Ele se posiciona no 35º lugar no geral, além de conquistar o primeiro lugar em Ciências Sociais e Jornalismo.

Dentre as obras de Fernando, destaca-se o livro sobre jornalismo móvel, lançado em 2015 pela EDUFBA, que é um dos mais baixados no repositório de sua própria editora, somando aproximadamente 15 mil *downloads*. Ademais, a tese de doutorado é também amplamente citada.

Ao falar sobre futuro, Fernando menciona que almeja fazer um pós-doutorado, pois também diz que acredita que o curso em que leciona deve lutar por um curso de pós-graduação em mestrado para poder acolher os alunos que querem enveredar pelo mundo acadêmico ou profissional.

Ele enfatizou que é possível conciliar o trabalho acadêmico com o profissional e que isso enriquece muito o ensino. Afirmou que deseja avançar nas pesquisas para ajudar a mudar e alavancar ainda mais as experiências propostas aos estudantes no curso de Jornalismo da UEPB, fazendo com que eles venham a ter uma formação mais avançada e experimentar ferramentas que poderão ser aplicadas em suas futuras profissões.

“A minha realidade é essa, é o curso de Jornalismo. Então, quando eu quero mudar, não preciso mudar o mundo necessariamente. O meu mundo é esse aqui. Se eu mudar esse núcleo, que é das pessoas que eu tenho contato aqui, que é dos jornalistas, que é dos alunos, então, isso já me traz uma certa satisfação”.

Por: Ana Beatriz

Léo
Alves

ISBN: 978-85-7879-874-1



Foto por: Sara Brito

11

Filho de Antônio Alves Cavalcante e Marlene da Silva Alves, Leonardo Alves nasceu no dia 25 de abril de 1975. O pai é natural da cidade de Pombal e a mãe é da cidade de Patos. Também paraibano, Léo é natural de João Pessoa e, com apenas um ano de idade, se mudou para um sítio próximo a Campina Grande - PB, chamado de Monte Alegre. Logo após, se mudou para São José da Mata, distrito de Campina, e foi onde passou boa parte da infância. E, depois de tantas mudanças, se mudou para Campina Grande, onde passou toda a adolescência e só saiu de casa quando se casou, em 2007.

Léo é casado com Karla Roberta, que é mãe do seu único filho, João Pedro Alves, que tem 15 anos de idade. Karla é doutora em Ciências Contábeis e também trabalha na Universidade Estadual da Paraíba, onde Léo atualmente tem contrato no curso de Jornalismo como professor substituto. Ele ministra algumas disciplinas, entre elas a de Radiojornalismo e Jornalismo Esportivo, áreas as quais ele também atua fora da sala de aula.

Ele sempre foi um amante do esporte e ao longo da adolescência se apaixonou pelo rádio. Léo conta que o tio, Gutemberg Simões, foi quem o fez cada vez mais próximo do rádio, e, a partir dessa aproximação, despertou o interesse pelo jornalismo.

“Eu sempre gostei muito do esporte, até por influência do meu tio, que trabalhava e trabalha ainda hoje na rádio, Gutemberg Simões. Escutei muito o rádio quando eu era criança. Então, como eu escutava muito, isso foi uma influência. E quando eu era adolescente, meu tio me levava para a Rádio Borborema. Então, a partir disso, eu comecei a despertar e decidi fazer Jornalismo”.

Léo se encanta ao falar de toda a trajetória profissional e também acadêmica. Ele, que veio de uma família muito simples, mas muito batalhadora, fala que, como todo estudante, achou estranha a parte teórica do curso, mas que depois percebeu o quanto a teoria serviu para o seu suporte na prática durante todo seu percurso dentro da universidade, e, como ele já havia falado antes, ele entrou no jornalismo por conta do rádio.

Ele diz que, na sua época, não se permitia nem estágio, e as empresas não podiam contratar estagiário, porque era uma determinação do sindicato. E quando o mesmo, conseguiu um estágio, foi na Rádio Borborema, porque os departamentos esportivos são terceirizados e ficava a critério de cada um trabalhar vendendo comerciais, e “sorrindo” ele diz que trabalhou de graça, pois nunca vendeu nenhum comercial. O primeiro trabalho dele foi na Rádio Caturité, como plantonista esportivo da rádio, e trabalhou com Joselito Lucena e Rostand, que também faziam e ainda fazem parte da Caturité.

Mesmo com o exemplo do tio, Léo teve muitas dificuldades quando entrou no mercado de trabalho. Assim que se formou, Léo saiu batendo nas portas de algumas emissoras, entre elas a TV Paraíba, Correio e Borborema. O primeiro emprego de carteira assinada foi no *Diário da Borborema*, em 1999. Mas, antes de assinar a carteira pela primeira vez, entre 1994 e 1995, ele teve uma experiência bem inusitada, que foi apresentar um jornal da igreja, chamado de cartas e canções.

Atualmente, Léo Alves, trabalha em três locais diferentes, como professor substituto na Universidade Estadual da Paraíba, comentarista esportivo na rádio CBN, nos finais de semana, e é assessor de comunicação do Núcleo de Tecnologia Estratégicas em Saúde (NUTES), na UEPB. Depois de quase 20 anos como professor substituto, uma das metas dele atualmente é se preparar para o concurso e virar professor efetivo.

O amor de Léo pelo esporte é tão grande, que mesmo lecionando na UEPB e assessorando o NUTES, ainda encontra tempo para fazer a cobertura dos jogos do campeonato paraibano na rádio CBN. Com alegria no rosto, diz que não vê problema nenhum em cobrir os jogos nos finais de semana, porque assim acaba por unir o útil ao agradável e fica mais perto de duas de suas paixões: o rádio e o esporte.

Atualmente, Léo não tem pretensões de voltar para as redações, e brincando ainda fala: “Mas se precisar voltar para pagar as contas, a gente volta”. Segundo ele, não existe problema de trabalhar em redação, mas que, no momento, ele pensa em atingir novas metas na sua vida profissional.

Depois de uma longa trajetória, passando por diversas experiências na vida profissional e pessoal, Léo está à espera de um concurso para professor efetivo, se preparando bem para alcançar mais esse desafio que ele tanto espera. E, claro, ter uma certa estabilidade financeira, depois de quase vinte anos de dedicação nas salas de aula, partilhando os seus conhecimentos, e que hoje esses ex-alunos são jornalistas e colegas de trabalho.

Por: Junior Lira

Michelle
Wadjia

ISBN: 978-85-7879-874-1



Foto por: Sara Brito

12

Nasceu em Pernambuco, mas se encantou pelo mundo, Michele Wadja, jornalista e comunicadora, mostrou seu interesse pelo jornalismo logo cedo. Ela fala que sempre se interessou pela literatura, e que na infância tinha como sonho ser escritora, e viu no jornalismo uma oportunidade de realizá-lo por meio do jornalismo impresso.

Veio para a Paraíba em 1999 para começar o curso de Jornalismo na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), ainda quando o curso era no bairro São José. Ela fala do período complicado que a universidade viveu naquela época, com greves constantes e sem prazo para acabar, mas foi assim que ela teve sua primeira oferta de trabalho. Ela, que sempre teve interesse pela escrita, viu no audiovisual uma forma de começar no ramo. Ela relata como aconteceu esse convite: “Eu visitei a redação da TV Mirante, em São Luís - MA – foi em um tempo que a UEPB passou por uma greve de uns seis meses – e eu estava lá porque eu morava com duas meninas que eram de lá. Eu fui só para passar um tempinho, mas as meninas tinham uma irmã que conhecia a diretora comercial da TV e ela disse que poderia agendar uma visita para mim. Coincidentemente, o diretor de jornalismo de lá era Rômulo Barbosa, daqui de Campina Grande [...]. Ele me perguntou como estava o curso e eu disse que estava um caos por conta da greve. Além disso, a ilha de edição tinha sido roubada lá no São José. Quando ele viu que eu lamentava muito isso, ele me convidou para estagiar por lá”.

Durante o período da greve, em 2002, ela ficou estagiando na emissora, até as atividades da universidade retornarem. Quando voltou, ela estava decidida em seguir na TV, e assim foi em 2003. Rômulo Barbosa mandou uma carta de recomendação para TV Asa Branca, em Caruaru, onde ela ficou estagiando por um ano, onde surgiu seu crescimento na profissão, sendo inicialmente contratada como produtora, e logo depois repórter.

Mas foi durante sua pós-graduação que mostrou o caminho que ela percorre hoje. Sua formação teve uma fase muito importante, que foi sua pós, em que ela fez a especialização em Reportagem pela Universidade Ramon Llull de Barcelona, em 2006. Foi a partir disso que ela quis ser professora. Como ela mesma fala: “Estudar em Barcelona foi um ponto chave para mim, porque foi nessa especialização que eu decidi ser professora. E quando eu fui para lá e tive professores com uma vasta experiência profissional, mas que também eram mestres e doutores, foi ali que eu vi que eu podia fazer as duas coisas”.

Foi nessa época também, entre 2005 e 2006, que ela se tornou correspondente internacional para a Rádio Liberdade, na qual foi sua primeira

cobertura de uma Copa do Mundo. Daí para frente Michele cobriu várias outras copas, como África do Sul (2010), Rússia (2018) e Catar (2022), junto a Pedro Canísio em 2022. Na Copa do Brasil, ela trabalhou como assessora em um produto também voltado para a Copa do Mundo.

As reportagens produzidas por Michele já recorreram a todo o Nordeste, e até mesmo outras regiões, com uma câmera, um microfone e muito talento, ela aborda assuntos culturais dos países que sediam a copa, produzindo um jornalismo independente que a faz ultrapassar barreiras. Ela produz, edita e vende seu material para várias emissoras, um exemplo para seus alunos que a veem como inspiração.

E levou essa vocação com muito prestígio, ela hoje atua como professora substituta na universidade que lhe formou como comunicadora. Ela lembra com afeto dos professores que lhe ensinaram: “A professora Goretti Sampaio – que hoje está aposentada – que foi minha professora de Rádio, é uma grande referência; o próprio professor Rômulo Azevedo é uma referência muito importante para mim no telejornalismo. E uma professora muito querida que eu levo para a minha vida é a Socorro Palitó. Além desses, a professora Cássia é um ser humano incrível, ela sempre foi maravilhosa. Foram vários, mas esses são alguns dos que foram mais importantes para a minha trajetória”.

Atualmente, ela também se torna um exemplo para todos os alunos que passam por sua sala de aula, onde ela esbanja conhecimento e histórias sobre suas experiências.

Texto por: Elissandra Souza
Entrevista por: Gabriel Abdon

Rafael
Melo

ISBN: 978-85-7879-874-1



Foto por: Maria Oliveira

13

Rafael de Araújo Melo é jornalista e letrólogo, formado, respectivamente, pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Mestre em Comunicação pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), atua em sua área de formação como assessor de comunicação, produtor cultural e audiovisual, escritor, cordelista e professor.

Natural de São José da Mata, distrito pertencente ao município de Campina Grande, Rafael viveu o melhor dos dois mundos: conhecia a metrópole, mas também cresceu com o sentimento de viver em uma cidade interiorana. Além disso, acompanhou a transição do analógico para o digital, o mundo sem *internet* migrando para o mundo conectado por um clique.

Filho mais velho de duas irmãs, Rafael cresceu cercado pela literatura. Seus pais sempre foram seus maiores incentivadores quando o assunto era arte. “Lembro que com cinco ou seis anos eu colocava fitas no som pra passar com declamadores de poesia e eu ia parando aquela fita, decorando essas poesias”, recordou. Pelo contato prévio com a literatura, Rafael sabia que queria cursar Letras, mas e a segunda graduação? Entre Direito e Comunicação Social, optou por se tornar comunicador – e esse foi o primeiro passo para se tornar o contador de histórias que é hoje.

Mesmo que seu contato com Letras tenha sido mais forte durante a graduação, não demorou muito para se sentir acolhido pelo Jornalismo. Bastou ingressar na área profissional da comunicação que se apaixonou. “Não era um sonho, mas se tornou uma realidade”, contou. As amizades formadas na graduação foram o pontapé inicial para sua carreira. Através do professor Luís Adriano, ainda vinculado à UEPB, surgiu a primeira experiência de Rafael como jornalista, na produção da revista *Quilômetros e Milhas*.

Não demorou muito para alcançar seu espaço no meio. Teve experiências como repórter e editor na TV. Entretanto, não demorou muito para que voltasse para o lugar ao qual estava destinado: a sala de aula. Ser professor era seu objetivo desde sua experiência com a docência em Português. Em 2019, surgiu uma seleção para substituto na UEPB, e com o ensino remoto, sua oportunidade chegou. Desde então, atua na instituição. Agora, como colega de trabalho dos professores que foram responsáveis pela sua formação.

Rafael, além de atuar como professor e assessor de comunicação, é repórter do Razões para Acreditar, portal que aborda a mídia positiva, desde 2019.

A vivência com o jornalismo tradicional, abordando assuntos mais densos e violentos, deixava-o com o sentimento de não pertencimento. Por-

tanto, quando surgiu a chance de usar seu jornalismo de uma forma mais humanizada, agarrou a oportunidade.

Como escritor e cordelista, Rafael busca sempre unir a comunicação e a literatura, por exemplo, na produção de jornalismo literário. Sua primeira atividade publicada como cordelista foi dentro do curso de Jornalismo. *Onde você esconde seu racismo* surgiu como atividade avaliativa de uma das disciplinas do curso, ministrada e incentivada pela professora Robéria Nádia. “A poesia fala algo que, às vezes, a comunicação não consegue transmitir”, explica o jornalista.

Hoje, Rafael deseja aos futuros jornalistas sabedoria para lidar de forma ética com a informação neste momento de fragmentação de narrativas, pós-verdade, manipulação de mídias e desinformação. Os novos jornalistas precisarão reconstruir o jornalismo, não só pelo saber propriamente dito, mas pela humanidade.

Por: Ingrid Souto

Arãõ
Azevedo

ISBN: 978-85-7879-874-1



Foto por: Maria Oliveira

14

Nascido em Areia, na região do brejo da Paraíba, mas morando em Campina há um bom tempo, Arão de Azevedo Souza é graduado em Comunicação Social pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), em 2001. Além dessa formação, ele realizou uma especialização em Jornalismo Cultural, pelas Faculdades Integradas de Patos (FIP), e um mestrado em Literatura e Interculturalidade na UEPB. Começou a dar aula na UEPB em 2004 como professor substituto, e apenas em 2012 se tornou efetivo. Atualmente é docente da disciplina Estágio Supervisionado em Impressos e cursa doutorado no Programa de Pós-Graduação em Ciência e Tecnologia Ambiental (PPGCTA) da UEPB, sobre o processo de divulgação científica nas pesquisas envolvendo destiladores solares para tratamento de águas na mídia regional.

Arão conta que o curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo era a segunda opção no vestibular, estava pensando na possibilidade de ir para a área da saúde, mas decidiu escolher entrar nesse curso e seguiu com ele. Ao iniciá-lo, ele se interessou: “Tive uma identificação maior no curso a partir da metade do curso, a partir do segundo ano, inclusive por essa área que eu já atuo hoje, que é *designer* de notícias”. O designer de notícias, é conhecido no curso com a disciplina de Projeto Gráfico, que é uma área que ele gosta desde a graduação e criou mais experiência no jornal *Diário da Borborema*, durante 2001 a 2004. Ele também já foi professor de Jornalismo, em Patos - PB, nas Faculdades Integradas de Patos e também deu aula no curso de Publicidade e Propaganda na CESREI Faculdade, em Campina Grande.

Além do *designer* de notícias, uma outra área que o professor se interessa é a cultural, sendo uma segunda opção do curso enquanto formação. Ele complementa dizendo: “No Nordeste a gente vive muito intensamente a questão da cultura principalmente a regional e eu tenho um apreço muito grande, pelas origens das nossas culturas mais tradicionais da cultura popular”. Criou ainda mais experiências quando trabalhava no jornal impresso *Diário da Borborema*, pois quando necessário cobria as partes de editoria de cultura. Com isso, sempre associando as duas áreas de interesse.

Um exemplo desse apreço pela cultura, é o tema que escolheu para a dissertação de mestrado *A representação do matuto na obra do poeta paraibano Jessier Quirino*. Ele quis trabalhar a questão do sujeito, mostrando como Jessier Quirino (poeta popular) o representa nas poesias. É uma forma de fazer uma auto reflexão sobre o sujeito do interior e, nessa obra, ele traz voz à Jessier Quirino, em como ele vê o matuto e serve também

para uma reflexão sobre esse tema. Esse trabalho está disponível para o público, no site oficial da UEPB.

O professor Arão é coordenador do projeto de extensão Laboratório de Grandes Reportagens (LABGRAN), que tem como objetivo dar oportunidade para alguns alunos experimentarem as produções jornalísticas e levarem também à comunidade a elaboração dos projetos. A ideia do projeto surgiu em 2017, com a pauta sobre a estiagem de Campina Grande, mas a ideia só ficou no papel. Finalmente em 2018, essa criação se tornou, realmente, um projeto de extensão com o livro-reportagem *Economia da Cultura Popular*, juntamente com Adriana Araújo Souza, que é bacharela em Jornalismo pela UEPB, em 2017, e integrante do grupo de pesquisa em Jornalismo e Mobilidade (MobJor) da mesma instituição. O objetivo da obra, é mostrar justamente como a cultura popular movimenta a economia da cidade, trabalhando alguns eixos de exploração como o artesanato, culinária, festejos juninos, entre outros. O projeto Narrativas com Tecnologias Móveis em Vídeos de 360 graus: Realidade Virtual Imersiva e Inovação no Jornalismo é integrado ao LABGRAN, que são produções em 360 graus, trazendo a possibilidade para os alunos experimentarem novas tecnologias e mostrar às pessoas o experimento dessas produções. Um exemplo de reportagem realizada foi sobre a importância do nascimento do grande Jackson do Pandeiro, uma referência fundamental para a música e cultura. A reportagem pode ser vista pelo canal no *YouTube* do projeto, “LABGRAN Laboratório de Grandes Reportagens”.

Arão nos conta que, durante a formação, sempre teve professores que lhe marcaram, que trazem uma memória afetiva e que hoje acabaram se tornando colegas de trabalho, mas, em especial, ele cita o professor Luiz Custódio, que foi professor da especialização. A admiração veio por causa da vivência de trabalhar sobre a cultura popular e com a folkcomunicação (apresentar os estudos teóricos e metodológicos entre os fluxos da cultura popular e da comunicação em massa). Arão elogia: “Custódio traz uma memória muito boa de se fazer jornalismo, de se pesquisar as áreas da comunicação”.

Arão de Azevedo é bastante engajado na profissão e também muito querido pelos alunos, sempre atencioso em passar o conteúdo de forma clara, e ajudando nas dúvidas que surgirem. É, com certeza, uma influência para as pessoas que querem seguir na carreira.

Por: Raquel Franklin

Roberto
Faustino

ISBN: 978-85-7879-874-1



Foto por: Sara Brito

15

Familiarizado com o ambiente letivo, devido anos dedicados a uma de suas maiores paixões: dar aulas. Faustino chega na sala escolhida da Central Acadêmica Paulo Freire para nos conceder a entrevista para a produção deste perfil. O professor é natural da cidade de Teixeira, Sertão do estado da Paraíba, nascido no dia 30 de janeiro de 1967, em plena ditadura militar, a qual ele relembra e nos mostra a trajetória de vida e profissional.

Filho de Romeu Ribeiro da Costa e Maria Nelí Ribeiro da Costa, Faustino teve uma infância “normal”, assim como ele mesmo classifica. Embora tenha nascido na cidade de Teixeira - PB, o professor cresceu no município de Princesa Isabel, também localizado no Sertão paraibano. Faustino comemora ter nascido no interior, onde, segundo o professor, tem-se mais liberdade e proximidade com a natureza: “Morei na cidade de Princesa Isabel - PB até meus 12 anos de idade. Com o privilégio de fazer o primário e ter uma série de oportunidades de quem mora em uma cidade do interior. Portanto, um pouco mais livre para ter mais liberdade, claro que controlada pelos pais. Mas, sobretudo, diferente do contexto de cidades de médio e grande porte, onde as crianças são muito mais limitadas com relação ao contato com a natureza e o lúdico”.

O ingresso no curso de Comunicação Social, veio sem muito planejamento. Após uma passagem pela cidade de Patos - PB, Faustino e sua família se mudaram para a capital, a cidade de João Pessoa - PB, buscando justamente a necessidade de ingressar em um curso superior. Por volta dos seus 17 para 18 anos, Faustino já havia adquirido o hábito de acompanhar programas jornalísticos de debates na rádio. Porém, a princípio, era apenas com objetivo de se atualizar para o vestibular que se aproximava. Entretanto, essa rotina o fez se acostumar e passar a gostar do radiojornalismo. Além do rádio, o professor relata que também já nutria um carinho especial pela televisão: “Mas ao mesmo tempo, também me fascinava muito acompanhar o telejornalismo. Nessa época, não tinha canais de assinatura nem muitas opções. Então, a Globo já se apresentava muito forte, *Fantástico*, *Globo Esporte*, *Esporte Espetacular*, todos esses programas já me moviam”.

Foi em meio a essa rotina que, em meados de 1984, o jovem Faustino optou pela escolha do curso de Jornalismo, sendo aprovado no vestibular e ingressando na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), lá mesmo em João Pessoa - PB. O professor diz que não encontrou grandes dificuldades dentro da graduação, se adaptando bem ao curso e fala em tom bem hu-

morado: “Não tive dificuldades. Também tinha uma vantagem, não era um ‘CDF’, mas sempre fui um estudante aplicado. A prova disso é que meus pais nunca precisaram pegar no meu pé com relação aos estudos”.

Hoje, já lecionando como professor, Faustino nos conta que o gosto pela licenciatura surgiu tardiamente: “Durante o curso, não foi uma coisa que terminou me vislumbrando. O interesse pela docência só ocorreu mesmo durante o mestrado”, e aproveita o gancho para lamentar a falta de orientação para discentes em cursos superiores: “Quando conseguimos ter uma boa orientação, um programa de tutoria mais adequado, o que falta no nosso curso e também não havia, na época, na UFPB, às vezes você não sabe o que está fazendo lá. Apenas com o tempo é que as coisas vão se encaixando e o curso vai fazendo sentido”.

Em 1988, Faustino estava perto da conclusão da graduação. Entretanto, o professor relata que, na época, as universidades estavam sofrendo um processo de sucateamento, quase não existiam concursos públicos e o mercado de trabalho estava disponibilizando poucas oportunidades. Mesmo assim, em meados de 1990, o professor, por meio de programa de seleção, entrou no mestrado, ingressando no curso de Biblioteconomia (hoje Ciências da Informação) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Em pouco menos de um ano ganhou uma bolsa, o que o ajudou a se manter, em tempos difíceis, enquanto não entrava para o mercado de trabalho.

Quando perguntado se teve dificuldades em se inserir no mercado, o professor não titubeou na resposta: “Eu tive na verdade foi privilégio”. Foi após o mestrado em Jornalismo, que Faustino passou a integrar o quadro de profissionais da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), por um programa de professor visitante. Faustino foi agraciado, e entrou no curso de Jornalismo da UEPB no ano de 1995, indicado diretamente pelo professor Luiz Custódio da Silva, a quem considera como um padrinho e fala com carinho do colega: “Devo não só a indicação, foi meu professor na graduação e orientador de mestrado. Um padrinho que se tornou um amigo/irmão”.

Faustino passou 7 anos com o título de “professor visitante”. Porém, em 2001, após a realização de um concurso da universidade para a efetivação de professores, a aprovação e ingresso como professor concursado ocorreu. E no ano seguinte, 2002, ele já integrava o quadro fixo de professores do curso de Jornalismo da UEPB, na qual está há 28 anos, tendo com orgulho em sua carteira de trabalho, apenas o registro profissional de professor da Universidade Estadual da Paraíba.

Em resposta sobre quais são seus objetivos profissionais para o futuro, Faustino conta, com entusiasmo, que no dia da entrevista, concorria juntamente com o professor Orlando, às eleições para a coordenação do curso, e brinca: “O nome da nossa chapa é exatamente ‘Mais Meio Século’, aproveitando a proposta do projeto coordenado pela professora Rackel Cardoso. Então, os planos são de mais meio século”. Apesar da fala, o professor comenta que a aposentadoria se aproxima, ao mesmo tempo, demonstra a humildade de sempre ao falar e enaltecer a nova geração de profissionais:

“Embora a proposta seja de mais meio século, já, já devo estar aposentando as chuteiras. Inclusive, vocês que estão assumindo [futuramente], e que bom que seja assim. Como já aconteceu, com meus alunos, e de forma muito mais qualificada que a minha”.

E foi com essa humildade, dedicação e, acima de tudo, amor pelo que exerce, que o professor Roberto Faustino ajudou a erguer o curso de Jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Já são quase 30 anos dedicados ao ensino e formação de novos profissionais, tendo, em seu currículo, a docência na graduação de Jornalismo da UEPB como seu primeiro e único emprego de carteira assinada. Faustino é peça fundamental na construção e história desses 50 anos do curso.

Por: Adê Macêdo

Rackel
Cardoso

ISBN: 978-85-7879-874-1



Foto por: Débora Leite

16

“Sempre gostei de me comunicar”, assim relata Rackel Cardoso, jornalista e professora da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), a campinense, que já atuou em diversas ramificações da área da comunicação, conta que desde a infância teve contato com leitura e escrita, o que serviu como combustível para entrar na área da comunicação.

No curso de Jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), começou a trilhar os primeiros passos e, no terceiro ano da graduação, veio a primeira oportunidade no mercado profissional, podendo estagiar na área de comunicação no SESC de Campina Grande, em 2009. Por lá, Rackel ficou por nove meses quando teve a oportunidade de participar de uma seleção para produção na TV Itararé (atualmente Rede Ita).

Formou-se em 2010 e se recorda de como foi o processo para a escolha do curso superior durante a adolescência. O que no início era apenas uma identificação pela área, logo se tornou uma paixão expressada pela conexão intrínseca com a comunicação. Em 2013, deu um passo a mais na carreira acadêmica, ingressando na primeira turma de mestrado profissional do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (PPJ) da UFPB, em João Pessoa.

Com um sorriso no olhar, demonstrando suas sinceras intenções do mercado jornalístico na época, a professora explica: “Eu nunca tive o sonho de seguir a carreira acadêmica, sempre gostei muito do mercado de trabalho jornalístico, de estar na redação, da prática. Fiz o mestrado para me atualizar e a partir dele abrir novas portas na minha carreira, mas nunca achei que fosse me identificar tanto em ser professora, que fosse gostar tanto de dar aulas”.

Sem muitos vislumbres por estar na TV, ela conta: “Bastou apenas um mês pra eu me identificar muito com o trabalho de TV. Eu fazia o trabalho que gostava. Estava vendo uma situação dentro do ônibus e via se rendia uma pauta. Na universidade, eu não tinha noção do quanto os bastidores em TVs são tão importantes. É um conjunto muito grande e o coração da redação é a produção”.

De estagiária à efetiva, Rackel trabalhou por seis anos na TV Itararé, saindo da produção para se tornar editora do Meio-Dia na Itararé. Contudo, em 2016, surgiu o convite para mudar de casa, na qual aceitou a oportunidade para trabalhar na TV Paraíba. Junto ao novo trabalho, vieram novos desafios: a mudança de horário e comandar a edição de um telejornal em uma nova casa.

Durante a pandemia da COVID-19, novas oportunidades profissionais surgiram na vida da jornalista. Ela abriu uma agência de Mídias Digitais,

trabalhou em uma campanha política e outra proposta oferecida a ela era a de atuar como assessora na Secretaria Municipal de Saúde (SMS) de Campina Grande.

Com uma leveza na fala, mas com garra em suas explicações sobre a área, a assessora relata: “Eu fico impressionada! Quando a gente está de fora, somente como usuário de uma Unidade Básica de Saúde (UBS) ou de um hospital, a gente acha que as coisas não funcionam, a gente acha que é tudo ruim. A gente reclama muito. A gente queria que fosse muito melhor, mas você vê que a gente [equipe da Saúde] faz, dá realmente o sangue e que trabalha com orçamento muito apertado, mas faz de tudo para que funcione, para que dê certo”.

Em 2020, recebeu mais uma missão: a de lecionar numa academia. A jornalista foi selecionada como professora substituta do curso de Jornalismo da UEPB.

“Fiquei matutando aqui, como sempre: – O que é que eu vou fazer pra esses alunos de prática na minha disciplina, no meio da pandemia? A gente tendo aula *on-line*... Como é que vai ser essa prática? Se a gente não tem nada para produzir. Não tem como produzir?”.

Implementar o projeto Mascarados gerou algumas dificuldades que o período em que foi criado acabou tendo por consequência. Mesmo com o distanciamento social que ocorria na época e as limitações técnicas, o projeto, ainda assim, teve resultados satisfatórios como a produção de *podcasts*, revista digital e documentário produzido remotamente.

Com o retorno das aulas presenciais na universidade, novos questionamentos começam a surgir acerca do que a professora abordaria como prática com os alunos. Durante uma de suas aulas, a jornalista explica que um de seus alunos sugeriu abordar algo que se relacionasse à temática dos 50 anos do curso de Jornalismo na Universidade Estadual da Paraíba, surgindo assim o Meio Século.

Hoje, o projeto funciona como um produto transmidiático, o qual tem o objetivo de resgatar a história do curso de Jornalismo da UEPB e preservar a identidade do curso repassando as experiências proporcionadas pelo jornalismo. Contando com *site*, produção por meio de *podcasts* e mídias sociais, se soma a diversas produções de autorias dos estudantes. Assim, o projeto faz a realidade de uma redação ser também a realidade do discente. Com o cansaço na voz completando quase uma hora de entrevista, Rackel dá um conselho para os ingressantes de Jornalismo como forma de motivação: “Eu costumo dizer que para você ser jornalista é preciso amar a profissão, porque não é simplesmente técnica, a técnica é fácil de aprender. Então, você precisa amar o seu trabalho de uma forma que isso faça você se sentir bem” e complementa dizendo que “o jornalismo é um trabalho social. Então, eu tenho que trabalhar para comunicar às pessoas”.

Por: Wanderson Gomes

Saete
Vidal

ISBN: 978-85-7879-874-1



Foto por: Sara Brito

17

Existem profissões que precisam de muito amor para serem seguidas, não considerando *status* ou uma grande remuneração, fazer a vontade do outro nem sempre será motivo de alegria própria. Medicina e Jornalismo são cursos totalmente distintos, e foi essa a escolha que Salete precisou decidir. Para fazer a vontade de seu pai, acabou prestando vestibular para Medicina, mesmo não sendo aquela a sua maior vontade. Após ter uma conversa com sua mãe que disse “minha filha faça o que o seu coração está pedindo”, ao folhear alguns jornais pesquisando sobre vestibulares, viu que a Universidade Estadual, naquela época ainda era Regional, tinha em sua grade o curso de Comunicação, acabou fazendo a sua inscrição sem ninguém saber, fez a prova e conseguiu uma excelente nota o que a levou a ingressar no curso: “E daquele momento em diante é como se tivesse aberto um novo mundo para mim”.

Salete relata que se dedicou bastante e que naquela época tudo era mais difícil: “tínhamos que fazer trabalhos artesanais para suprir as limitações”. Conta que alguns professores emprestavam livros e anotações para que ela pudesse estudar, e após dois anos de conclusão do curso começou a lecionar. Ainda muito jovem, com seus 23 anos, dava aulas para turmas numerosas, com alunos na mesma faixa etária que a sua e até mesmo para alunos mais velhos: “Mas isso nunca me trouxe nenhum problema para lidar com eles”. Nos anos 90, foi convidada por um grande amigo, professor Marcos Barbosa, que era coordenador na época, e a chamou para ser vice-coordenadora e, assim, Salete inicia o seu trabalho como gestora no curso, que durou dois anos.

Logo em seguida, foi convidada pelo reitor professor Itan Pereira para integrar como membro da Comissão Permanente de Vestibular (COMVEST). A Universidade tinha o seu próprio vestibular: “um trabalho de grande experiência para mim, na área de gestão e conhecimento dentro da universidade”, conta Salete. No final de 1999 foi para a Pró-Reitoria de Integração e Desenvolvimento (PROID) como assessora de dois programas PCN e PROFA “outro sonho que eu tinha de trabalhar com projetos de educação” e foi encaminhado um relatório para o Ministério da Educação, o qual recebeu honra ao mérito pelo trabalho desenvolvido pela Universidade e pelo trabalho que havia sido apresentado. A partir de então, Salete passou a admirar mais ainda a administração e começou a fazer cursos para se aprimorar mais ainda na área.

No ano de 2003 foi convidada pelo reitor Sebastião Guimarães Vieira para ser diretora do Museu de Artes Assis Chateaubriand da UEPB, que na época era administrado pela Universidade. No ano de 2006 recebe o con-

vite do professor Rômulo Azevedo, para ser coordenadora do estágio: “Tive muita dificuldade, pois passei um tempo afastada da sala de aula”. Salete, relata que também participou de um momento muito importante, não como gestora, mas como professora, o momento que os professores se organizaram para estadualizar a universidade. Foram muitas lutas e a Universidade só chegou a ser o que é hoje, pela integração da comunidade universitária que se envolveu para que essa Universidade fosse construída: “No dia que deixamos o curso de Comunicação no Bairro do São José, em agosto de 2012, quando subi na sacada desse prédio meus olhos encheram de lágrimas, isso é um sonho”. Com instalações precárias e espaço mínimo, o antigo prédio onde eram lecionadas as aulas do curso de Comunicação Social era insuficiente para as inovações que estavam chegando.

Em visão da pessoa mais apta para falar sobre isso, Salete diz que ver o curso de uma forma totalmente diferente de antes, atendendo as necessidades do mercado e, que ao receber os relatórios, percebe que a Universidade está conseguindo preparar bem o estudante, mesmo que ainda não tenha tudo. A trajetória da nossa coordenadora Salete, como ela mesma relatou em uma pequena entrevista ao Meio Século, foi de muito esforço e dedicação, uma mulher tão jovem e com uma responsabilidade enorme em mãos, fruto de muita competência e talento que foi notado desde sempre por quem estava na reitoria e por quem chefiava o curso de Comunicação Social.

Por: Larissa Silveira

Antonio
Simões

ISBN: 978-85-7879-874-1



Foto: Acervo Pessoal

18

Antonio Simões e o Jornalismo são amigos de infância. Se conheceram nos estúdios da TV Verdes Mares, afiliada da Rede Globo no Ceará, onde ele teve o privilégio de poder acompanhar as transmissões do telejornal da noite, ao lado do pai, que era cinegrafista. Essa é uma das lembranças mais legais da época e do contato com o pai. Poder acompanhar de perto o trabalho dele e como funcionavam os bastidores, conquistou-o para dentro do jornalismo e fez a amizade deles durar até os dias atuais.

A paixão pelo jornalismo foi passada de pai para filhos. De início, Simões almejava seguir carreira na imprensa tradicional e trabalhar com TV, mas ao longo da graduação, focou no jornalismo impresso e trabalhou no jornal *Diário do Nordeste*, que circulava em todos os municípios do Ceará – trabalho esse que até hoje traz como referência de carreira. “Lá conquistei alguns prêmios, consegui fazer reportagens especiais, matérias que até hoje lembro, falo para os meus filhos e em sala de aula”, explica.

Para ele, estar na universidade era a realização de um sonho. As experiências vividas com a turma, os quarteirões que andava até chegar no ônibus, as leituras na biblioteca e o primeiro estágio são lembranças alegres que ficaram marcadas de forma especial no coração. “Eu acredito ter sido um aluno comum, nunca fui um aluno brilhante. Sempre busquei fazer o meu melhor e, graças a Deus, acho que a graduação foi um momento muito interessante”, relembra o comunicador.

Vindo de uma família com grande influência católica, um dos irmãos tornou-se seminarista e outro diácono. Eles acreditam e pregam sobre a Teologia da Libertação, que consiste na luta pela emancipação dos pobres, levando a palavra de Deus aos mais necessitados. Cresceu com a ideia forte de igualdade social que reflete até hoje na forma de pautar as suas ações.

Teve uma adolescência focada na área esportiva, chegando a ganhar bolsa para disputas de futebol pelo time que jogava no colégio. Ainda nessa época, um dos irmãos se tornou cinegrafista e ele passou a acompanhá-lo dentro das cabines, como funcionava o mundo dos esportes e a forma que era feita a cobertura. “Eu acredito que essa união do esporte, de ver o meu pai filmando o telejornal e ir com meu irmão ao estádio para filmar os jogos de futebol, associado a essa busca por justiça social, foram os elementos que me fizeram desde a adolescência saber que eu queria fazer Jornalismo”, comenta.

Desde a graduação, alguns professores eram inspirações para ele, despertando o desejo de também conseguir compartilhar um pouco de sua vivência e experiências profissionais. À medida que os anos foram passando, o desejo foi aumentando.

Após surgir uma vaga na Universidade de Fortaleza, mesmo trabalhando na redação, fez a prova e foi selecionado, se tornando docente do curso de Jornalismo na Universidade de Fortaleza (UNIFOR).

Tentou conciliar os dois trabalhos, mas em um momento precisou se afastar da redação e se dedicar às salas de aula. Posteriormente, veio fazer doutorado em Campina Grande e por aqui ficou, após passar no concurso como professor efetivo de Jornalismo na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Sobre esse momento, relembra: “Foi, sem dúvidas, a realização de mais um sonho. Tive que fazer a escolha: ou o jornal, ou a UNIFOR e optei pela Universidade. Foi uma escolha difícil e hoje, mais do que nunca, vejo que foi uma escolha muito acertada”.

Com o passar dos anos, porém, se perguntou se acreditava realmente no trabalho que estava fazendo. Seria certo formar pessoas que iriam trabalhar com um jornalismo que ele mesmo já estava desacreditado? Os critérios de noticiabilidade e a abordagem da grande mídia começou a incomodar o professor, que continuou procurando respostas para as suas dúvidas e encontrou o jornalismo de soluções. “A partir de então, me encantei, acho que me reencontrei no jornalismo e sou muito feliz hoje de conseguir levar adiante essa proposta inovadora de produção jornalística”.

A ideia de um projeto de extensão focado em boas notícias surgiu e foi abraçada por alguns alunos – desta forma, nasce o Projeto Anti-Horário, que neste ano completa 5 anos de execução. Pouco a pouco, a extensão foi ganhando reconhecimento e realizando produtos inovadores, como a primeira revista brasileira focada em soluções. Após muitos estudos, Simões escreveu o primeiro livro sobre *Jornalismo de Soluções*, lançado em setembro de 2022, mais um passo importante na carreira jornalística e de realizações profissionais e pessoais.

O jornalismo de soluções e todos os frutos gerados são o que mais o motiva a seguir na carreira, acreditando que, por meio dele, será possível capacitar estudantes para exercerem uma comunicação inovadora e que contribua de forma significativa para uma sociedade mais justa. “Espero que essa nova geração de jornalistas seja feliz fazendo jornalismo e se possível, fazendo jornalismo de soluções”, finaliza.

Por: Larissa Moura

Verônica
Almeida

ISBN: 978-85-7879-874-1



Foto: Gabryele Martins

19

Verônica se entrosa com a entrevista como se essa fosse uma velha amiga sua – e, na verdade, é. Com o tom de voz calmo, como se conversasse com uma conhecida há muito não vista, ela conta os últimos anos da vida e carreira dela, como se revivesse cada sentimento que teve durante a jornada com saudade e orgulho.

Essa história começa no prédio do São José, em 1999, quando Verônica Almeida inicia como caloura de Jornalismo na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Para ela, o curso foi um encontro marcado – tinha que ser ele, e que bom que foi. A partir da graduação, que a fez feliz em tantos sentidos, Verônica, vinda de família humilde, pôde, além de melhorar a condição de vida, viver momentos ímpares, conhecer pessoas que marcaram a trajetória dela e contribuir diretamente para com a sociedade, através da informação. “Eu sou muito grata à UEPB e ao curso de Jornalismo por me formar e por hoje eu poder formar outros profissionais. A UEPB me deu o melhor que ela tinha e eu sou tudo que sou graças a ela”, conta.

A graduação foi apenas o primeiro passo do que seria essa experiência. Após se formar em 2003 e passar dois anos trabalhando na TV Borborema e na Rádio Cidade, Verônica inicia mais uma fase de sua vida acadêmica: o mestrado, na qual se torna mestra em Sociologia. É esse degrau que a capacita ainda mais a voltar para a UEPB, dessa vez não mais como uma aluna e, sim, como professora. Ainda durante o mestrado, passa em uma seleção como substituta. Saudosa, lembra de entrar na sala em que fez a prova de seleção com a certeza de que não iria passar, por estar concorrendo com pessoas que já haviam sido professores dela e que ela muito admirava.

A felicidade genuína brilha em seus olhos quando fala sobre o prédio no São José, um sorriso ilumina o rosto e a sensação é de que ela nem lembra mais que alguém espera sua resposta, focando apenas na oportunidade de falar sobre o lugar que a acolheu e que, assim, a fez se sentir em casa. “Cada árvore que tinha ali era cheia de lembranças, afeto, significado. Foi um ambiente importante não só academicamente, mas pra minha vida”, explana.

É em uma salinha pequena do prédio que a seleção ocorre e que a banca avaliadora, formada por Socorro Palitó, Cássia Lobão e Fátima Luna, decidem que às vezes o aprendiz supera os mestres e também se torna um. Contrariando as expectativas, Verônica é aprovada em primeiro lugar. Apta para retornar às salas de aula, agora do outro lado, ela conta que se sentiu extremamente confortável, como se aquilo fosse algo que vivia há muito tempo. Lá, ficou de 2006 a 2008 como professora substituta, até passar em

um concurso em 2012 e ser efetivada.

No meio tempo, entre a aprovação efetiva até ser chamada, Verônica passou com o marido em uma seleção de doutorado em Portugal, onde tornaram-se doutores em Ciências da Educação. O período, no entanto, foi muito desgastante, pois foi preciso que eles deixassem os dois filhos ainda pequenos no Brasil. Verônica chega a se emocionar enquanto conta episódios durante esse período da vida, em que chegou a passar mal por um colapso nervoso. Ela brinca, ainda, dizendo que até hoje não sabe como terminou o doutorado, mas que se lembra de ter tomado muito energético para aguentar. “Nesse processo fui chamada para assumir o concurso para efetivo. Aí além da tese para terminar fiquei com meus dois meninos e a sala de aula. Vivi esse doutorado nas madrugadas, virando as noites para poder dar conta”.

Apesar de todo desgaste e estresse, ela não se arrepende. “Imagine ser uma criança que foi privada de muitas coisas, de ser o filho pobre da família e de pouco a pouco ir conseguindo trilhar esse caminho. Uma formação naquele tempo não era fácil, era coisa para quem realmente tinha condições. Então, acredito que tudo aconteceu no momento que precisava, mas realmente não foi fácil, principalmente para uma mulher e mãe, a cobrança é muita”, comenta.

Tudo o que conquistou ao longo da sua vida, foi a partir da educação. Na Universidade, se redescobriu, e com a consciência de sua personalidade e vontades, pôde trilhar um caminho seguro, que a levou aos melhores lugares. “A instituição universitária não nos muda apenas em sentidos acadêmicos. Entramos e saímos dela como pessoas completamente diferentes, ficamos mais cientes de quem somos e do que queremos. Até nisso senti o impacto da universidade”.

Verônica recorda ter vivido muito o jornalismo enquanto estágio. Tanto, que não consegue dizer de qual deles gostou mais, ou foi mais importante para a carreira dela. Passou por programas de rádio, de televisão e assessoria de imprensa e diz não ser possível escolher uma área que mais a agregou conhecimento, pois todas a conquistaram de formas diferentes e contribuíram para a formação que tem hoje. Por isso, se entrega ao clichê de que quando fazemos o que gostamos e entendemos a importância disso, tendemos a cuidar melhor dos nossos passos profissionais.

Aos estudantes de Jornalismo, portanto, deixa o pedido e a orientação de que cuidem do curso e da profissão. “O jornalismo é uma ferramenta extremamente importante para a sociedade democrática que vivemos. Cuidem não só do seu ser profissional, mas também da sua profissão”.

Por: Nathália Aguiar

Orlando
Angelo

ISBN: 978-85-7879-874-1



Foto por: Maria Oliveira

20

Atual chefe do Departamento de Comunicação Social da Universidade Estadual da Paraíba, o professor, jornalista e advogado Orlando fez na comunicação seus pilares profissionais, dedicando seus 41 anos de carreira à pesquisa e ao ensino voltados à área de comunicação.

Nascido e criado em Piancó, no interior da Paraíba, Orlando se mudou para Campina Grande, nos anos 1980 para estudar, onde se formou em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, pela Universidade Regional do Nordeste e depois em Direito, pela UEPB. Além de suas graduações, o professor também possui especialização em Comunicação Educacional, pela Universidade Estadual da Paraíba (2002) e é mestre em Ciências da Sociedade, com linha de pesquisa em Estudos Culturais, também pela Universidade Estadual da Paraíba (2007).

Tendo sido aluno e professor na UEPB, Orlando dedicou a maior parte de sua carreira à instituição, onde já foi também diretor do Centro de Ciências Sociais Aplicadas, coordenador do curso de Comunicação Social e coordenador da Assessoria de Imprensa. Segundo o próprio Orlando, ser coordenador de curso foi uma das experiências mais desafiadoras dentro da Universidade, devido a cobrança dos alunos e da imprensa.

Além dos *Câmpus* na Universidade, o jornalista também já passou por jornais importantes, tendo sido redator do jornal *A União*, das colunas “Comunicando” e “Primeira mão” do jornal *Diário da Borborema* e atuou como editor do *Portal Iparaíba* e articulista dos portais *Virgulino.com* e *Pianco.com.br*. Forjado no impresso, ele diz que sua base para o jornalismo vem de muito antes do digital: “O impresso, para mim, é a base de tudo, se você faz um bom jornalismo impresso, você faz jornalismo com facilidade em qualquer outra área. É lamentável que ele esteja nessa decadência, muito embora o que a gente vê no jornalismo *on-line*, seja o chamado “impresso *on-line*”. Quem faz impresso, faz qualquer veículo.” – disse Orlando em entrevista ao projeto Meio Século da UEPB.

Apixonado pelo jornalismo, Orlando diz ter cursado Direito por causa da sua mãe, que falava querer tanto ter um filho formado em Direito. Apesar do diploma em Direito, a sua profissão sempre foi o Jornalismo e suas grandes contribuições para a área, em Campina Grande, foram tantas que foi concedido a ele o título de cidadão campinense, durante a gestão do prefeito Romero Rodrigues.

Todos esses méritos e sucessos dentro de seus muitos anos de atuação são devido ao seu esforço em sempre prezar pela ética e moral de sua profissão, tendo colegas que o consideram uma reserva moral, e o segredo de tudo isso se deve a sua honestidade e lealdade ao jornalismo,

segundo ele mesmo.

Quando criança ia à feira com sua avó, lá escutava os vendedores de cordéis lendo e vendendo as obras, juntava seu dinheiro para comprar os cordéis e acabou gostando muito do que lia. O cordel sendo uma de suas paixões desde a infância, na condição de jornalista e professor universitário, criou na UEPB um projeto de pesquisa sobre Literatura de Cordel. Por isso, atualmente, a biblioteca da Instituição conta com mais de dezoito mil exemplares de cordéis, e ele também reitera como essa arte deveria ser melhor valorizada.

“O cordel é uma literatura muito viva, muito pesquisada, talvez mais na Europa do que no Brasil, mas que, como fonte de renda, não subsiste mais”.

Sendo grande parte de sua pesquisa voltada para o jornalismo cultural, Orlando considera de suma importância que seus alunos tenham uma bagagem cultural para a sua formação acadêmica e para a pesquisa cultural.

Como professor da UEPB há tantos anos, ele viu o curso passar por diversas fases, e destaca que apesar das mudanças e revoluções tecnológicas que aconteceram ao longo dos anos, o que caracteriza o profissional, que passa pela Universidade como de qualidade e de alta capacitação. Não são os Laboratórios de Rádio ou de Televisão, e não são os equipamentos novos e, sim, os bons professores que passaram pela Instituição.

Por: Clara Lopes

Elane
Gomes

ISBN: 978-85-7879-874-1



Foto por: Gabryele Martins

21

Nascida em 13 de março de 1986, na cidade de Campina Grande, na Paraíba, Elane Gomes era uma menina quieta e tímida – características que lhe fizeram não ser vista como uma futura comunicadora. Porém, era muito curiosa, tinha facilidade em fazer amizades, gostava muito de ler reportagens, revistas e descobrir coisas novas, foi isso que lhe ajudou futuramente na profissão.

Elane tinha dúvida entre Direito e Comunicação, mas ao fazer o vestibular, ingressou na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) no curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo. Ainda no terceiro período, foi escolhida para estagiar na TV Paraíba, lugar que lhe fez se apaixonar pelo telejornalismo. Por isso, de 2007 para 2008, ao fazer a monografia, optou por uma análise sobre os bastidores da notícia. Quis mostrar as rotinas de produção, que era algo que lhe chamava muita atenção.

Algum tempo depois, fez uma seleção para Itararé e trabalhou na TV Itararé, atual Rede Ita. Na época, o chefe de redação da emissora era o professor da UEPB Rômulo Azevedo. Durante esse processo, produziu várias revistas comerciais, mas depois de 8 meses retornou para a TV Paraíba.

Em 2010, começou a procurar outras vertentes do jornalismo. O telejornal já lhe deixava desgastada e cansada. Foi aí que Elane resolveu ir para João Pessoa, a capital da Paraíba, fazer uma especialização. Era nos sábados que ela construía mais uma etapa da vida acadêmica e profissional. Foi com essa experiência que as outras facetas do jornalismo foram descobertas por Elane.

Foi nesse período que ela conheceu o esposo Jocélio Oliveira, também Jornalista e formado pela UEPB. Ele foi essencial para que Elane adquirisse mais conhecimentos, sanando as dúvidas que habitavam em sua mente. Afinal, Jocélio é um grande entusiasta das novidades do jornalismo.

“Ele me incentivou muito a fazer o mestrado, já era 2011, quase 2012. Ele queria que eu levasse um projeto de telejornalismo que era algo que me encantava e me fazia ter muitas dúvidas, pois eu trabalhava nos bastidores”.

Elane foi aprovada no mestrado na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), em 2011, e o projeto que emplacou era voltado para a digitalização da TV e do telejornalismo. Tudo isso por consequência do incentivo do esposo, que foi um divisor de águas na vida dela.

Tudo caminhava bem para Elane, pois sempre foi prodígio. Inclusive, durante a vida acadêmica, encontrou Rostand Melo (atual professor de Fotojornalismo na UEPB) no ensino fundamental, médio e na graduação.

Anos depois se encontraram no mestrado e ele foi fundamental nessa história, pois mostrou a ela caminhos para que seguisse e fluísse na vida acadêmica.

Em maio de 2012 encerrou o contrato com a TV Paraíba e foi morar em João Pessoa para se dedicar completamente ao mestrado.

“Me mudei de mala e cuia e fui viver novas experiências o jornalismo, a comunicação, estavam me proporcionando”.

Por: David Henrique

Massillon
Gonzaga

ISBN: 978-85-7879-874-1



Foto por: Sara Brito

22

Massilon Gonzaga de Luna nasceu no dia 11 de setembro de 1952, na cidade de Pombal, Sertão da Paraíba. Vindo de uma família humilde e trabalhadora, é filho de Rosa Gonzaga de Luna, lavadeira de roupas, e José Firmino de Luna, servente de pedreiro. Desde cedo, sempre fez o melhor de si para dar orgulho aos pais, os quais o incentivaram a seguir o coração.

Rosa exigia dos filhos dedicação total aos estudos e tinha interesse em saber o que eles gostariam de seguir como profissão. O irmão, Maciel, cogitou a possibilidade de ser padre, chegando até a vestir a batina, mas desistiu e seguiu a profissão de jornalista e advogado. A irmã, Marcelina, queria ser professora, cargo que exerce atualmente em João Pessoa. Diferente dos seus irmãos, Massilon queria ser sanfoneiro.

Com 8 anos ganhou da mãe sua primeira sanfona, que despertou nele o desejo de seguir essa carreira mundo afora. O que era um sonho de criança, se tornou realidade. Com o tempo, firmou parcerias com grandes nomes da música nordestina, como Os Três do Nordeste, além de ter feito a música *Juntei os cacós*, com o poeta, ex-prefeito e grande amigo: Ronaldo Cunha Lima. Hoje, conta com 8 discos gravados, fez inúmeros shows e, com o dinheiro que ganhou ao longo dos anos, comprou sua casa, carro e uma granja, onde costuma ir aos finais de semana para curtir com seus amigos e com a sua família.

Atualmente, aos 69 anos, se dedica integralmente à comunicação e deixou a sanfona de lado, mas o instrumento foi um marco importante para ele, tanto na vida pessoal, servindo como uma espécie de “bote salva-vidas”, quanto na profissional, abrindo portas para o despertar de outros talentos: compor e cantar.

A história com a comunicação vem sendo escrita desde a época do ginásio. No Colégio Diocesano de Pombal, quando o diretor Martinho Salgado pediu para que Massilon desse aulas para alunos de séries anteriores, o gosto pela arte de se comunicar nasceu e só aumentou. Foi assim que, posteriormente, o rádio ganhou um espaço reservado no coração.

Quando jovem, no final dos anos 60, Massilon e os amigos tiveram a ideia de criar uma rádio clandestina na cidade de Pombal, mas acabou sendo fechada e tendo todos os equipamentos confiscados pela Polícia Federal. Também criou uma rádio pirata no bairro São José, mas não teve êxito. Apesar de todos esses empecilhos, ele nunca desistiu daquilo com que estava predestinado a trabalhar: a comunicação.

Com o intuito de buscar aprimoramento, Massilon foi locutor em diversas difusoras, mas queria novas oportunidades para adquirir experiência e ex-

pandir suas opções. Assim, decidiu se mudar para Campina Grande, em 1970, cidade referência do jornalismo na Paraíba. Ao chegar, marcou presença em várias rádios, dentre elas a Caturité e a antiga Rádio Borborema.

Nesta última, foi onde decidiu investir na vida acadêmica, depois de incentivado por Gilson Souto Maior, escolhendo cursar Comunicação Social na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Logo após, tornou-se professor, mas não esqueceu do que viveu dentro dos estúdios, desejando montar uma rádio na UEPB, como já fez em Queimadas, Galante, Boqueirão e Esperança, com rádios comunitárias. Segundo ele, a mão de obra e a capacidade criativa de professores e alunos de Jornalismo da rede estadual não deixaria a desejar para ninguém.

Ao longo do meio século do curso de Jornalismo, a importância das contribuições que cada profissional da área tem para a formação de outros profissionais capacitados é notória. O desejo e comprometimento de Massilon com a educação vem contribuindo para a história do curso de Jornalismo ao longo dos anos, que ocupa uma posição de destaque no que diz respeito a qualidade do aprendizado, além de servir de inspiração e motivação para as gerações do campo jornalístico. Diante disso, Massilon Gonzaga é importante frente de influência positiva aos profissionais e acadêmicos de comunicação, com uma abordagem séria e técnica exemplar de aplicação das disciplinas que ministra.

Por: Emilly Dantas, Mateus Ronelle,
Matheus Assis, Milena Ferreira, Thaylanny Almeida

Ingrid
Fechine

ISBN: 978-85-7879-874-1



Foto por: Maria Oliveira

23

Ingrid Farias Fechine, de 45 anos, é jornalista formada pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e natural do município de Campina Grande, localizado no agreste paraibano. Uma mulher mais reservada, gosta de viajar, estar em contato com a natureza, de ir à missa, costume que aprendeu com a avó materna, e de atividades culturais, como visitas a museus, cinema, teatros e parques.

A longa trajetória dela na docência tem início ainda muito jovem, quando ainda menina, muito comunicativa, escolhia brincar, no mundo do faz de conta, de que era professora. Além disso, gostava de aprender novos idiomas e foi autodidata ao começar a estudar francês, espanhol e italiano através dos livros e da música. Os pais e a avó materna sempre a apoiaram nesse sentido, comprando livros, discos, um violão e um rádio gravador.

Optou pelo curso de jornalismo sem muita dificuldade, já que sempre foi a única opção do coração dela. O que também a inspirou na escolha da profissão foi ter se interessado pelo trabalho dos jornalistas que cobriram a Guerra do Golfo. Em 1995 ingressou na universidade, no curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo e formou-se em 1999. Os estudos e o jornalismo deram a Ingrid oportunidades únicas, como quando atuou profissionalmente na França e conheceu o então presidente francês, Nicolas Sarkozy e o ex-presidente brasileiro, Fernando Henrique Cardoso.

Apesar de ter tido algumas oportunidades para atuar na prática do jornalismo quando concluiu o curso em julho de 1999, escolheu estudar para a seleção do mestrado e atuar como professora, unindo duas coisas que a interessavam desde criança: o jornalismo e a docência. O que a levou a tomar o rumo do campo da pesquisa, desde os 18 anos, foi a oportunidade de atuar nos programas de Iniciação Científica do PIBIC/CNPQ/UEPB, quando desenvolveu um projeto que trabalhava com TV e alunos de escolas públicas e privadas. Recorda que no primeiro ano como bolsista do PIBIC, em 1997, já escutava de colegas e dos professores: "Ingrid vai ser professora da UEPB".

Além de poder contar com o apoio dos familiares nessa escolha, pôde contar com o orientador, professor Severino Gomes e com o professor Cícero Agostinho (in memoriam), que acreditou nela e a acompanhou durante a jornada, relembra emocionada. Foi esse apoio, o interesse imenso pela pesquisa e a fé em Deus que a impulsionaram a estudar sobre a temática das rendeiras da renda renascença da Paraíba, durante o Mestrado em Educação pela Universidade Federal da Paraíba e sobre as rendeiras do Brasil e da França durante o Doutorado em Linguística também pela UFPB, em co-tutela com a Université Paris Quest Nanterre - La Défense.

Desde então, já atuou como professora de Espanhol em escolas privadas e cursos de idiomas, como professora substituta da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e de outras universidades particulares. Em 2008 também atuou na Radio France Internationale - RFI, quando ainda era doutoranda. Em 2012, já com o doutorado finalizado, passou no concurso para o cargo de professora efetiva do Departamento de Comunicação Social da UEPB.

"É de onde vim, me formei e onde posso contribuir ainda mais com a formação de futuros jornalistas. Tenho colegas que foram meus professores e colegas que foram meus alunos", disse a professora. Fica evidente o orgulho que Ingrid sente em fazer parte do Curso de Jornalismo da UEPB quando fala que torce muito pelos alunos e se realiza também através das realizações deles. "Assim é a grande construção do conhecimento, do saber e do ser professora".

Há 7 anos a vida de Ingrid foi agraciada com o que, de acordo com ela, é um milagre de Deus, a filha Silvia Maria, que em todo esse tempo tem a acompanhado em todas as experiências de qualificação profissional. Sempre juntas, Silvia esteve com a mãe dos quatro meses até um ano e meio em Paris, quando Ingrid realizou o pós-doutorado e agora também, aos sete anos de idade, durante o segundo pós-doutorado na Sorbonne Université.

Ingrid foi Coordenadora do Curso de Comunicação Social (2013-2015) e faz parte do quadro de professores efetivos da UEPB, atuando no ensino, na pesquisa e na extensão. Atualmente, Ingrid é a única professora com dois pós-doutorados no Departamento de Comunicação Social, inclusive numa das universidades mais importantes do mundo que é a Sorbonne Université. A professora é pesquisadora do Centro de Investigação em Artes e Comunicação (CIAC) da Universidade do Algarve e líder do Grupo de Pesquisa "Comunicação, Memória e Cultura Popular" (UEPB/CNPq), contando com parcerias nacionais e internacionais, especialmente, na França e em Portugal.

Robéria
Nádia

ISBN: 978-85-7879-874-1

24

Robéria Nádia é doutora em Educação pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), professora efetiva do Departamento de Comunicação Social (DECOM) e professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores (PPGFP).

Casada há 21 anos, mãe de três filhos e com quase 30 anos de carreira, a professora Robéria segue atuando em sala de aula, na formação de novos jornalistas, e na pós-graduação, formando novos professores. Sobre o trabalho realizado em sala de aula, ela disse: “É o lugar que eu me realizo, eu encontro a minha missão. É super importante pra mim, conheço pessoas que me ensinam muito, troco muitas histórias e me encantam por suas lições de vida e trajetórias”.

Uma infância “feliz e prazerosa”, assim relata Robéria Nádia Araújo Nascimento. Filha de um ex-sargento militar, ela conta que teve uma criação rígida, mas totalmente pautada na afetividade e respeito com o próximo.

Com um sorriso no rosto, Robéria disse: “Fui assim, aquela criança sempre em contato com as outras, brincando na rua, vivendo a infância com todos os seus percalços, os seus desafios e sua poesia. Fui muito feliz, tive uma infância muito feliz, com pais muito dedicados e presentes”.

Alfabetizada por meio dos gibis, ela afirma que a sua criação e seu contato direto com as histórias em quadrinhos foram fundamentais para sua escrita fluente e para a formação infantil da professora.

Sobre um triste episódio durante a infância, que foi a perda do seu irmão mais velho, ela conta “eu fiquei filha única”, totalmente protegida pelos pais zelosos que temiam a perda e o afastamento. “Mas também a isso, a essa criação zelosa, eu devo a minha responsabilidade, o meu comprometimento. [...] Isso foi um aprendizado que tive com meu pai militar”, disse Robéria.

A carreira de Robéria iniciou no curso de Comunicação Social da UEPB, ela conta: “Logo no primeiro período de curso, eu encontrei um estágio no jornal que na época era *Gazeta do Sertão*, um jornal laboratório para os estudantes de Jornalismo”. Do cargo de estagiária, ela migrou para outras funções da redação como editora, editora-chefe e depois chefe de redação.

Sendo educada para o jornalismo impresso, dominante na época, Robéria assumiu: “Eu fui talhada no jornalismo impresso”. Ela sempre foi muito preocupada com a escrita, levando como um fundamento na vida e uma prática que norteou as suas decisões. “Não se tem uma boa escrita sem uma boa prática de leitura. Não se formam bons escritores, sem uma leitura que lhe dê respaldo, que lhe dê sustentação”.

No terceiro período de Comunicação Social, a aluna, até então, se tornou monitora da disciplina que se chamava Fundamentos Científicos da

Comunicação, e era ministrada pela professora Salete Vidal, atual chefe de departamento do curso. Robéria viu ali a sua primeira oportunidade como professora: “Essa trajetória foi fundamental para que eu decidisse ser professora da UEPB”, contou Robéria.

Saindo da graduação em Comunicação Social, a comunicadora ingressou na especialização em Comunicação e Educação, que durou um ano. Após a especialização, um concurso para professor efetivo na Universidade Estadual da Paraíba foi aberto e, naquele contexto, sendo a professora mais jovem, com apenas 20 anos, ela foi selecionada e conta: “Só tinha uma vaga, lembro que era a disciplina de História da Arte, passei no concurso e isso me abriu novas portas para a Instituição. Então ingresso no curso de Comunicação Social como professora efetiva”.

Após concluir o mestrado e o doutorado, a doutora em Educação já começou a pensar que precisava trabalhar formando novos professores, mestres e doutores. Durante todo esse percurso Robéria formou a sua sustentação curricular para conseguir chegar a sua meta que era a pós-graduação.

Possuindo uma carreira bem alicerçada, estável e bem planejada, ela conta sobre a importância de trabalhar no Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores, na qual é professora efetiva permanente: “Eu acho fundamental a formação na pós-graduação, porque a gente vive num país em que a educação é profundamente desacreditada e desvalorizada”.

“Sou muito grata pela instituição que me formou, e hoje em dia ajudo a formar novos colegas docentes que também podem voltar para o ensino superior”.

Por: Ângela Alves

Posfácio

Ao ver os recortes da história dos 50 anos do curso de Jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) através do projeto Meio Século, podemos perceber o resgate dessa história que traz à tona todo esse contexto histórico e que trouxe tantos profissionais ao mercado de trabalho.

Ao longo dos 50 anos do curso, foram formados excelentes profissionais que hoje ocupam lugares de referência no rádio, na TV e tantos outros que hoje se realizam e se destacam, também, na formação de novos profissionais de Comunicação, que são os professores do Departamento de Comunicação Social (DECOM).

Atuações que contam também com a contribuição de professores substitutos que passaram pelo departamento e fazem parte desse meio século de história. Podemos citar Kleyton Canuto, que hoje é destaque no audiovisual; Ana Sousa, que atua no jornalismo paraibano, Giseli Sampaio, entre outros. Alguns professores, por motivos pessoais, não puderam fazer parte deste livro, mas estão presentes na história e em toda a memória dos 50 anos do curso de Jornalismo da UEPB. Além deles, cabe ressaltar, também, alguns que abrilhantaram a história do curso, deixaram um legado, porém já faleceram, como: Machado Bittencourt, Mica Guimarães, Paulo Rogério, Edmilson Cabaceiras, Águeda Cabral. Outros que foram efetivos, mas estão desfrutando da aposentadoria, após anos dedicados a formar jornalistas, como: Goretti Sampaio, Fátima Luna, Luiz Aguiar, entre outros.

É visível a importância de cada um dos professores que são ou que já passaram pelo DECOM da UEPB. É possível ver através dos perfis de cada um, não apenas a evidência das qualificações curriculares, mas suas histórias que são inspiradoras e que trazem em si uma importância imensa. Inspiração que serve para aqueles que hoje estão concluindo a vida acadêmica e entrando no mercado de trabalho, para os feras que estão no começo da caminhada e para tantos jornalistas que esse curso já formou durante esse meio século que estão abrilhantando o mundo com o dom do jornalismo.

Nereide Araújo

Nota dos autores

O *e-book Meio Século Jornalismo – Perfis* faz parte do projeto que comemora os 50 anos do curso de Jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), é uma coletânea de perfis produzidos pelos alunos que foi elaborado nas disciplinas de Laboratório de Projeto Gráfico, Laboratório de Jornalismo Digital e alguns voluntários, coordenado pela professora Rackel Cardoso, que esteve ao nosso lado durante todo o processo.

Dentro dele estará sempre presente um pedacinho de cada um de nós que trabalhamos em todas as etapas, desde as entrevistas, a produção dos textos, as imagens e até a diagramação e a revisão textual. Os alunos que deram vida a esse *e-book* são os mesmos que um dia estarão em frente às câmeras, nas redações ou até mesmo como futuros docentes.

Um agradecimento especial para todos aqueles que fizeram deste material real e possível, que separaram alguns momentos de suas vidas se dedicando à produção desse livro. O nome de vocês ficará gravado na história da UEPB, não apenas enquanto alunos, mas também como participantes de uma homenagem àqueles que nos tornam futuros profissionais.

Maria Teixeira

DIAGRAMAÇÃO:

Maria Teixeira
Matheus Assis
Matteus Alves
Thaylanny Almeida

FOTOGRAFIA:

Gabryele Martins
Adrya Vitória
Izomara Magna
Maria Oliveira
Sara Brito

TEXTO:

Adê Macêdo
Adryan Brito
Ana Beatriz
Ângela Alves
Anny Caroline
Antônio Moraes
Bianca Pinheiro
Cecilia Marinho
Clara Lopes
David Henrique
Débora Andrade
Edson Cleiton
Elissandra Souza
Emilly Dantas
Ester Bezerra
Felipe Fagner
Gabriela Oliveira
Hélio Andrade
Ingrid Souto
Jessica Fernanda Sousa

Jonas Souza
Junior Lira
Karen Baracho
Karen Cirne
Larissa Mouro
Larissa Silveira
Malu Farias
Maria Elisa
Maria Mikaeli
Maria Teixeira
Mateus Ronelle
Matheus Assis
Michele Araújo
Milena Ferreira
Nathália Aguiar
Nicolly Calixto
Paloma Mahely
Raquel Franklin
Raquel Nuto
Thaylanny Almeida
Wanderson Gomes

CAPA:

Matheus Assis

SUPERVISÃO:

Rackel Cardoso

REVISÃO:

Magno Lisboa

TIPOLOGIA:

Arial
Letter Gothic Std



MS

JORNALISMO

ISBN 978-85-7879-874-1



9 788578 798741

 **eduepb**